

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia Clínica
Linha de Pesquisa: Núcleo de Estudos em Família e Violência

Andréia A. Podolano

**Adolescentes Filhos De Dependentes Químicos Em Abstinência:
Como Se Relacionam Com O Álcool?**

Orientadora:
Prof. Dra. Denise Falcke

São Leopoldo, março de 2019

Andréia A. Podolano

**Adolescentes Filhos De Dependentes Químicos Em Abstinência:
Como Se Relacionam Com O Álcool?**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora:

Profa. Dra. Denise Falcke

São Leopoldo, março de 2019

P742a Podolano, Andréia A.
Adolescentes filhos de dependentes químicos em abstinência: como se relacionam com o álcool? / por Andréia A. Podolano. – São Leopoldo, 2019.

82 f. ; 30 cm.

Com: artigos “Como os adolescentes entendem a dependência química dos pais e qual o reflexo na vida desses adolescentes?”; “Filhos adolescentes de dependentes químicos em abstinência: estudo de casos contrastantes”.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Leopoldo, RS, 2019.

Área de concentração: Psicologia clínica.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise Falcke.

1.Famílias dependentes químicas. 2.Filhos adolescentes. 3.Alcoolismo. 4.Abstinência. I.Título. II.Falcke, Denise.

CDU 616.89:613.81
159.922.8

Catálogo na publicação:

Bibliotecária Denise Andrade Caletti Filomena – CRB10/731

**Adolescentes filhos de dependentes químicos em abstinência:
Como se relacionam com o álcool?**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração Psicologia Clínica, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, no dia 21 de março de 2019.

Prof. Dra. Denise Falcke - UNISINOS - Orientadora

Prof. Dra. Clarisse Mosmann - UNISINOS - Examinador

Prof. Dra. Margareth Oliveira - PUC - Examinador

Prof. Dra. Roberta Payá - Unifesp – Examinador

Agradecimentos

Ao chegar ao fim de mais uma etapa da minha caminhada com a Psicologia, gostaria de demonstrar minha gratidão a algumas pessoas que contribuíram de forma imprescindível para essa realização.

Inicialmente agradeço a grande incentivadora, que fez com que esse sonho se tornasse real, Professora e amiga Ms. Mara Regina Lins, pessoa e profissional admirável, sensível e inspiradora.

À minha orientadora, Professora Dra. Denise Falcke, pela orientação, dedicação, acolhimento e pela aprendizagem proporcionada.

A banca examinadora, professoras Dras. Clarisse Pereira Mosmann, Margareth Oliveira e Roberta Payá, pelas grandes contribuições a este estudo.

Aos meus colegas de trabalho, pelo apoio, parceria, compreensão e compartilhamento de experiências, em especial a Denise Capuá, amiga de todas as horas.

Ao CEFI (Centro de Estudo da Família e do Indivíduo de Porto Alegre) por permitir a divulgação da pesquisa e coleta de dados. Aos adolescentes que fizeram parte da pesquisa e aos pais que confiaram em mim. Agradeço a UNISINOS que me recebeu de braços abertos novamente.

As pessoas mais amadas e importantes da minha vida, meu marido Eduardo, pela cumplicidade, por me escutar e dividir os momentos de conquistas e derrotas, me apoiando incondicionalmente. A minha filha Maria Eduarda pela aceitação de tantos momentos em que estive ausente e pelas palavras de incentivo: “falta pouco mãe”. Sem vocês nada seria possível. Obrigada!

Sumário

Resumo	8
Abstract.....	9
Apresentação	11
Artigo I.....	15
Resumo.....	Erro! Indicador não definido.
Abstract	Erro! Indicador não definido.
Introdução	Erro! Indicador não definido.
Método	Erro! Indicador não definido.
Delineamento.....	Erro! Indicador não definido.
Participantes	Erro! Indicador não definido.
Instrumentos	Erro! Indicador não definido.
Procedimentos de coleta de dados.....	Erro! Indicador não definido.
Questões éticas	Erro! Indicador não definido.
Análise de dados.....	Erro! Indicador não definido.
Resultados e Discussão	Erro! Indicador não definido.
História e contexto familiar de abuso de substâncias e abstinência.....	Erro! Indicador não definido.
Fatores de proteção para o não uso de álcool por adolescentes.....	Erro! Indicador não definido.
Fatores de risco quanto ao uso de álcool por adolescentes.....	Erro! Indicador não definido.
Contradições e ambivalências dos adolescentes no que se refere ao uso de álcool	Erro! Indicador não definido.
Considerações Finais.....	Erro! Indicador não definido.

Referências	Erro! Indicador não definido.
Artigo II	41
Resumo.....	Erro! Indicador não definido.
Abstract	Erro! Indicador não definido.
Introdução	Erro! Indicador não definido.
Método	Erro! Indicador não definido.
Delineamento.....	Erro! Indicador não definido.
Participantes	Erro! Indicador não definido.
Instrumentos	Erro! Indicador não definido.
Procedimento de coleta de dados	Erro! Indicador não definido.
Questões éticas	Erro! Indicador não definido.
Análise de dados.....	Erro! Indicador não definido.
Resultados e Discussão	Erro! Indicador não definido.
Caso A	Erro! Indicador não definido.
Análise vertical Caso A	Erro! Indicador não definido.
Caso B	Erro! Indicador não definido.
Análise vertical Caso B	Erro! Indicador não definido.
Análise horizontal dos casos	Erro! Indicador não definido.
Considerações Finais.....	Erro! Indicador não definido.
Referências.....	Erro! Indicador não definido.
Considerações Finais	67
Referências	69
Apêndice A.....	79
Apêndice B	83
Apêndice C	84

Apêndice D.....	86
Apêndice E.....	87
Apêndice F.....	88
Apêndice G.....	89

Lista de Abreviaturas e Siglas

OMS	Organização Mundial da Saúde
NIDA	Nacional Instituto on Drug Abuse
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
INPAD	Instituto Nacional de Políticas Públicas de Álcool e Drogas
CAPS ad	Centro de Atenção Psicossocial- álcool e drogas
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CAPSIA	Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência

**Adolescentes filhos de dependentes químicos em abstinência:
como se relacionam com o álcool?**

Resumo

O consumo de substâncias psicoativas chama atenção à medida que cresce e desperta o interesse cada vez mais cedo dos adolescentes, os quais normalmente iniciam com o uso de álcool. Sabe-se que a família tem importante papel, tanto como fator de proteção quanto de risco para o uso de substâncias, assim como se reconhece a questão da transmissão transgeracional da dependência química. Deste modo, filhos de dependentes químicos estão mais suscetíveis ao uso e abuso de álcool. No entanto, questiona-se qual a relação dos filhos adolescentes com o álcool quando os pais, dependentes químicos, estão abstinentes. A presente dissertação objetiva avaliar a relação dos adolescentes com o álcool, em famílias nas quais pelo menos um dos pais é dependente químico em abstinência. O documento da dissertação está constituído por dois artigos empíricos, ambos de caráter qualitativo. No primeiro, realizado com quatro adolescentes, avalia-se como os filhos percebem o padrão de consumo de álcool dos pais e as consequências desse uso para a vida deles. No segundo, verifica-se a relação contrastante de dois adolescentes com o álcool, no que se refere a situações de exposição, experimentação, uso e/ou abuso, demandas familiares e sociais. Os resultados indicam que apesar dos adolescentes conhecerem os riscos que correm por serem filhos de dependentes químicos, mesmo que em abstinência, as características dessa fase do desenvolvimento fazem com que desponte ambivalência quanto ao uso de álcool. Nesse sentido, a adaptação da família à fase da adolescência, o estilo de comunicação e de autonomia dada aos filhos foram determinantes para o uso ou não de

álcool destes. Evidencia-se a necessidade de atenção ao risco de abuso de substâncias pelos filhos, mesmo no contexto de abstinência dos pais, sendo importante o monitoramento do comportamento adolescente.

Palavras-chave: famílias dependentes químicas, abstinência, filhos adolescentes, ambivalência, uso de álcool.

Abstract

The consumption of psychoactive substances draws attention as it grows and awakens the increasingly interesting interest of adolescents, which usually start with the use of alcohol. It is known that the family has an important role, both as a protective factor and of risk for the use of substances, as well as recognizing the issue of transgenerational transmission of chemical dependence. Thus, children of chemical addicts are more susceptible to alcohol use and abuse. However, it is questioned what the relationship of adolescent children with alcohol is when the parents, dependent on the chemical, are abstinent. This dissertation aims to evaluate the relationship of adolescents with alcohol in families in which at least one of the parents is a chemical dependent on abstinence. The dissertation document consists of two empirical articles, both of qualitative character. In the first, performed with four adolescents, it evaluates how the children perceive the pattern of alcohol consumption of the parents and the consequences of this use for their lives. In the second, it is verified the contrasting relationship of two adolescents with alcohol, regarding situations of exposure, experimentation, use and/or abuse, family and social demands. The results indicate that despite the adolescents know the risks that are due to being children of chemical dependents, even if in abstinence, the characteristics of this phase of development cause it to debridge ambivalence regarding the use of alcohol. In this sense, the adaptation of the family to

the adolescent phase, the style of communication and autonomy given to the children were determinant for the use or not of alcohol. It is evident the need for attention to the risk of substance abuse by the children, even in the context of abstinence from the parents, being important the monitoring of adolescent behavior.

Keywords: chemical dependent families, abstinence, adolescent children, ambivalence, alcohol use.

Apresentação

O consumo de drogas no Brasil tem atingido níveis alarmantes. Segundo o II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Instituto Nacional de Políticas Públicas do Álcool e Drogas, 2012), ao menos 8 milhões de brasileiros são dependentes de drogas e 28 milhões de pessoas têm algum parente dependente químico. Pelo menos 20% da população faz uso de algum tipo de substância psicoativa, colocando o país em segundo lugar quanto ao consumo de substâncias psicoativas no mundo (World Health Organization, 2014). Desse modo, a dependência química configura-se como um problema de saúde pública (Andretta & Oliveira, 2011). Além disso, quanto mais cedo o experimento e o uso de substâncias psicoativas, maior a possibilidade de se estabelecer um padrão dependente (National Institute on Drug Abuse, 2009).

O álcool, palavra que tem origem árabe (*alkuhl*), entendido como essência, talvez seja de longe a substância mais antiga e diversamente conhecida entre povos, culturas, religiões e marcos políticos de diversos países (Toscano Júnior, 2001). Trata-se de uma substância com diversos usos, desde o recreativo até a dependência.

Predisposição genética e ambiente são condições favoráveis ao desenvolvimento da dependência química, considerada, por isso, uma doença biopsicossocial. Conforme Diehl, Cordeiro e Laranjeira (2011), qualquer padrão de consumo é constantemente influenciado por vários fatores de proteção e risco, de natureza biológica, social e psicológica. Muitos deles relacionados ao ambiente familiar.

A partir do enfoque sistêmico, o primeiro e mais importante espaço para o desenvolvimento do indivíduo é a família. Entende-se por família, independentemente de suas diversas configurações, um sistema dinâmico de pessoas com um conjunto de

normas estabelecidas (Nichols & Schwartz, 2007). Dentre todos os fatores, destaca-se na literatura o entendimento da família como meio que pode contribuir para o surgimento e manutenção do uso de substâncias (Paz & Colossi, 2013; Zappe & Dapper, 2017).

A fase do desenvolvimento considerada de maior vulnerabilidade para o abuso de substâncias é a adolescência, por ser um período de transformação, de busca da própria identidade e de renegociação de papéis e regras familiares (Diehl, Cordeiro & Laranjeira, 2011). A vulnerabilidade do período da adolescência, que inclui a procura por relacionamentos afetivos e sexuais, reconhecimento social, autonomia em relação aos pais e pressão do grupo de iguais, pode contribuir para a relação de uso e abuso de álcool (Natividade, Aguirre, Bizarro & Hutz, 2012).

Apesar de todo o conhecimento adquirido com as constantes pesquisas sobre a temática, o consumo de álcool por adolescentes ainda apresenta altos índices, cada vez em idade mais precoce (Marques, Viveiro & Passadouro, 2013; Baumgarten, Gomes & Fonseca, 2012; MacArthur et al., 2012). Sabe-se que o uso de álcool na adolescência predispõe maior risco de dependência química na idade adulta, considerando que quanto mais precoce a experimentação, maior o risco de abuso e dependência de álcool (Wandekoken, Vicente & Siqueira, 2011). Além disso, pais que utilizam drogas podem influenciar o padrão de consumo dos filhos (McLaughlin, Campbell & McColgan, 2016), revelando a perspectiva transgeracional de abuso de substâncias na família.

A abstinência é um dos meios de tratamento para a dependência química. A palavra abstinência provém do ato de se abster de algo, no caso da dependência química, significa privar-se do consumo de substâncias psicoativas. Estudo sobre fatores que favorecem a abstinência em alcoolistas (Alvares, 2013), inclui como elementos importantes para a manutenção da abstinência, a harmonia e apoio familiar, o

reconhecimento como doença, o reconhecimento e aceitação dos danos provocados pelo álcool, confiança no tratamento, influência positiva dos amigos e a importância de ter ocupações ou trabalho.

A literatura sobre dependência química abrange sua origem, condições favoráveis e desfavoráveis para o surgimento da doença, além dos fatores protetivos e de risco em relação ao indivíduo e à família. Quanto ao período do ciclo vital mais vulnerável, deixa claro que a adolescência é o período de maior risco pelas próprias características dessa fase. A predisposição genética, fatores sociais e eventos estressores horizontais e verticais também são esclarecidos. Entretanto, ao buscar-se dados sobre como pais dependentes químicos em abstinência podem interferir na exposição, experimentação, uso/abuso dos adolescentes em relação ao álcool, não foram localizados estudos. Portanto, na presente dissertação, buscou-se avaliar a relação dos adolescentes com o álcool, em famílias nas quais pelo menos um dos pais é dependente químico em abstinência. A fim de discutir essa questão, o trabalho está composto por dois artigos empíricos, ambos de caráter qualitativo, com os dados interpretados a partir do modelo sistêmico.

A dissertação está inserida na linha de pesquisa “Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterápicas” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Unisinos. Foi desenvolvida no Núcleo de Estudos em Família e Violência (NEFAV), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Denise Falcke. O primeiro artigo, qualitativo e exploratório, tem o objetivo de avaliar como os filhos analisam o padrão de consumo de álcool dos pais e as consequências desse uso para a vida deles. O segundo artigo, no formato de estudo de casos contrastantes, pretende compreender a relação de dois adolescentes com o álcool, no que se refere a situações de exposição, experimentação, uso e/ou abuso, demandas familiares e sociais, em família nas quais um dos pais é dependente químico

em abstinência. Após a apresentação dos dois artigos, serão apresentadas as considerações finais da dissertação, incluindo sua síntese e principais conclusões. Além disso, serão indicadas as limitações e implicações do estudo para futuras pesquisas.

Artigo I

Como os adolescentes entendem a dependência química dos pais e qual o reflexo na vida desses adolescentes?

Resumo: O objetivo deste estudo foi identificar e compreender a percepção de adolescentes sobre o consumo de álcool em famílias, em que pelo menos um dos pais é dependente químico em abstinência. Pesquisa de natureza exploratória, de abordagem qualitativa, com base no paradigma sistêmico. Entrevistados quatro adolescentes utilizando-se questionário de dados sociodemográficos, entrevista semiestruturada, entrevista de dilemas e AUDIT-C. Na análise de conteúdo foram identificadas quatro categorias temáticas: (1) história e contexto familiar de abuso de substâncias e abstinência (2) fatores de proteção para o não uso de álcool por adolescentes, (3) fatores de risco para o uso de álcool por adolescentes e (4) contradições e ambivalências dos adolescentes quanto ao uso de álcool. Todos os adolescentes entrevistados tinham conhecimento da história dos pais quanto à dependência química e abstinência, o que no discurso dos filhos influenciou o não consumo de álcool. Porém, em um dos casos o grupo de pares e as questões transgeracionais se apresentaram como fator de risco para o uso. Na entrevista de dilemas, os participantes da pesquisa entraram em contradição, demonstrando ambivalência quanto ao uso de álcool. Destaca-se a necessidade de uma compreensão aprofundada sobre os fatores transgeracionais envolvidos no abuso e dependência do álcool.

Palavras-chave: adolescência; pais; dependência química; abstinência; ambivalência.

Abstract: The aim of this study was to identify and understand the perception of adolescents about alcohol consumption in families, in which at least one parent is a chemical dependent on abstinence. Exploratory research, qualitative approach, based on

the systemic paradigm. Four adolescents were interviewed using sociodemographic data questionnaire, semi-structured interview, Dilemmas interview and AUDIT-C. In the content analysis, four thematic categories were identified: (1) History and family context of substance abuse and abstinence (2) protection factors for the non-use of alcohol by adolescents, (3) Risk factors for the use of alcohol by Adolescents and (4) contradictions and ambivalence of adolescents regarding the use of alcohol. All adolescents interviewed had knowledge of the parents ' history regarding the chemical dependence and abstinence, which in the children's discourse influenced the non-consumption of alcohol. However, in one of the cases, the peer group and the transgenerational questions presented themselves as a risk factor for the use. In the interview of dilemmas, the research participants went into contradiction, demonstrating ambivalence regarding the use of alcohol. We highlight the need for an in-depth understanding of the transgenerational factors involved in alcohol abuse and dependence.

Keywords: adolescence, parents, chemical dependency, abstinence, ambivalence.

Resumen: El objetivo del presente estudio fue identificar y comprender la percepción de adolescentes sobre el consumo de alcohol en las familias, en las que por lo menos uno de los padres sea dependiente químico en la abstinencia. Investigación de naturaleza exploratoria, con un enfoque cualitativo, basado en el paradigma sistémico. Se entrevistaron a cuatro adolescentes se utilizando un cuestionario de datos sociodemográficos, entrevista semiestructurada, entrevista de dilemas y AUDIT-C (Cuestionario de Identificación de los Trastornos debidos al Consumo de Alcohol) .En el análisis de contenido se identificaron cuatro categorías temáticas: (1) la historia y los antecedentes familiares de abuso de sustancias y la abstinencia (2) factores de

protección para no consumir alcohol por los adolescentes, (3) los factores de riesgo para el consumo de alcohol por adolescentes y (4) contradicciones y ambivalencias de los adolescentes en lo que se refiere al uso del alcohol. Todos los adolescentes entrevistados tenían conocimiento de la historia de los padres en cuanto a la dependencia química y abstinencia, o cuál en el discurso de los hijos influyó su opción por el no consumo de alcohol. Sin embargo, en uno de los casos el grupo de pares y las cuestiones transgeneracionales se presentaron como factor de riesgo para el uso. En la entrevista de dilemas, los participantes de la investigación entraron en contradicción, mostrando ambivalencia en cuanto al uso de alcohol. Se destaca la necesidad de una comprensión profunda acerca de los factores transgeneracionales involucrados en el abuso y la dependencia del alcohol.

Palabras clave: adolescencia, padres, dependencia química, abstinencia, ambivalencia.

Introdução

A dependência química foi reconhecida como uma patologia pela Organização Mundial da Saúde (2017) em meados dos anos 60, caracterizada pela compulsão de consumir substâncias psicoativas, obter a experimentação de seu efeito e evitar o desconforto de sua abstinência (Prata & Santos, 2009). Desde então, tem sido considerada como uma doença biopsicossocial influenciada pela predisposição genética, vulnerabilidades psicológicas, de personalidade e inabilidades de lidar com dificuldades, tendo relação direta com o meio no qual o indivíduo está inserido (Coelho & Oliveira, 2014). O primeiro espaço de socialização do indivíduo geralmente é a família e, segundo o princípio de globalidade, as modificações em cada membro desse sistema interferem no todo e em cada parte, indicando que, além de ser afetada pelo uso

de substâncias, a família pode igualmente colaborar para seu uso (Lins & Scarparo, 2010; Gomes, Bolze, Bueno, & Crepaldi, 2014).

Considerando a dinâmica familiar, existem fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento da dependência química. Dentre os fatores de risco estão: pais e irmãos mais velhos que fazem uso de substâncias, disfunção familiar, falta da participação dos pais na convivência com os filhos, falta ou ambiguidades com relação a regras e limites e violência doméstica. Quanto a aspectos individuais, destacam-se: falta de habilidades e autocontrole, baixa autoestima, predisposição biológica e psicológica, dificuldades e fracasso escolar, agressividade, roubos, mentiras, transtornos de conduta e falta de um sistema de crenças positivas e espiritualidade (McLaughlin, Campbell, & McColgan, 2016).

Os fatores protetivos incluem os altos níveis de acolhimento familiar, regras claras e firmes, participação dos filhos em relação às responsabilidades familiares, sustentação emocional e senso de confiança. Características individuais protetivas apontam a alta autoestima, habilidades na resolução de problemas, competência sócio emocional, vínculos com instituições sociais e senso de autonomia (Diehl & Figlie, 2014).

Existem vários estudos em relação à dinâmica familiar do dependente químico, envolvendo a identificação de fatores preditivos e protetivos (Cardoso & Malberger, 2014; Caetano, Laranjeira, Pinsky, & Zaleski, 2007; Payá, 2017; Prata & Santos, 2009), assim como avaliando seus impactos ao longo do ciclo vital. A necessidade de readaptações na família é inerente às diversas fases do ciclo evolutivo, porém, a adolescência é entendida como um momento crucial em que os modelos transgeracionais familiares são questionados (Diehl & Figlie, 2014) e o adolescente, na

transição entre a infância e a idade adulta, utiliza-se da experimentação como forma de testar seus próprios limites e reconhecer-se como sujeito autônomo.

Segundo dados da OMS e da Sociedade Brasileira de Pediatria (2017), o consumo de álcool entre adolescentes de 12 a 18 anos é de 60,5%, sendo que a maioria bebe entre familiares e amigos. Além disso, de acordo com os dados divulgados em 2016 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), houve aumento do consumo de bebidas alcoólicas entre alunos do 9º do ensino fundamental: em 2015 mais da metade dos entrevistados relatou ter tomado ao menos uma dose de bebida alcoólica, 55% do total, comparados com 50,3% em 2012, sendo que, a cada cinco alunos, um relatou episódio de embriaguez nos últimos 30 dias.

Nessa fase do ciclo vital, o que os pais dizem não parece ser o suficiente, sendo que a perda do espaço das influências parentais dá lugar aos grupos de pares. De acordo com estudo de Mrug e McCay (2013), os pares podem reforçar o uso de álcool no início da adolescência e serem mais continentos no final desse ciclo, quando a desaprovação dos pais tende a diminuir e se tornar mais normativa. Minuchin (1982) refere que a possibilidade de os filhos desenvolverem comportamentos antissociais está diretamente relacionada à dificuldade das relações familiares. Reforça essa ideia o estudo de Vasters e Pillon (2011), realizado com quatorze adolescentes, a maioria do sexo masculino, com idades entre 14 e 19 anos, em Centro de Atenção Psicossocial para álcool e drogas II (CAPS-ad) no interior paulista, ao salientar que o uso de drogas pode se acentuar durante a adolescência e ser expresso em questões e condutas amotivacionais para os estudos, descumprimento de regras, afastamento das relações familiares, além de comportamento antissocial.

Em estudo longitudinal com 499 adolescentes entre 16 e 18 anos, em 70 escolas dos EUA, que avaliou a influência dos pais e a probabilidade de os filhos fazerem uso

de álcool e se envolverem em delitos, os resultados indicaram que o baixo monitoramento dos pais, falta de afeto e o consumo de álcool destes aumentam a incidência de consumo dos filhos. Por outro lado, monitoramento parental, afeto e favorecimento, da autonomia podem contribuir para o baixo consumo de álcool e até mesmo abstinência dos adolescentes (Donaldson, Handren, & Crano, 2016).

O beber dos pais, nesse sentido, é preditivo, tanto do início precoce, quanto do abuso de álcool pelos filhos, salientando-se a importância de educar os pais sobre o próprio uso (Alati, Baker, Betts, Connor, Little, Sanson, & Olsson, 2014). Sabe-se, também que filhos de alcoolistas têm maior risco de desenvolver dependência química, além de maiores chances de depressão, ansiedade, transtornos de conduta e fobia social (Diehl & Figlie, 2014).

Uma pesquisa comparativa entre 140 famílias de adolescentes que consomem e que não consomem álcool, realizada no México, destaca como resultados preditivos de não uso de álcool pelos filhos: pais que não consomem álcool, a interação e manifestação de emoções em ambiente familiar que permita comunicação, clareza e limites. Além disso, evidencia que a relação entre dependentes químicos e seus filhos é, muitas vezes, permeada pela baixa expectativa em relação a eles e pela ausência de intimidade (Cortés, Méndez, & Aragon, 2015). Outro estudo realizado com 259 adolescentes, com idades entre 15 e 22 anos (73% do sexo masculino e 27% do sexo feminino), estudantes do ensino médio e residentes na Coreia do Sul, verificou que 70% dos entrevistados já haviam usado álcool, 29% fumado tabaco e 10% referiram ter usado outras drogas. Destes, 41,3% preenchiem critérios para o risco de abuso de substâncias. A influência do apoio social dos pais foi positiva para evitar o risco de abuso de substâncias, mesmo com um dos pais alcoolistas (Park & Kim, 2009). Ainda, estudo qualitativo com cinco adolescentes entre 12 e 15 anos, realizado em Porto

Alegre, verificou, através de grupos focais, que a percepção dos adolescentes acerca do consumo de álcool estava diretamente relacionada aos hábitos familiares (Pereira, Silva, Oliveira, Vargas, Colvero, & Leal, 2011).

De acordo com as pesquisas citadas (Donaldson et al., 2016; Cortés et al., 2015; Park & Kim, 2009; Pereira et al., 2011), verifica-se a importância do contexto familiar e de suas interações com os filhos, tanto como fator de contribuição, quanto de prevenção ao uso de álcool. Pode-se, nesse sentido pensar na perspectiva transgeracional como padrões de relacionamento familiares que são repassados de uma geração a outra, podendo ser ou não formais. Nesse processo, são apreendidos padrões primários de comportamento dentro de um determinado sistema familiar (Carter & McGoldrick, 2011; Baptista, Cardoso e Gomes, 2012). De acordo com Falcke e Wagner (2014), as vivências marcadas pelas figuras familiares influenciam nas percepções e escolhas afetivas, sexuais e profissionais de cada indivíduo, além de serem permeadas pela cultura, a moral e os valores de cada geração. O que difere é a intensidade com que cada um registra esse processo. No mesmo sentido, a transgeracionalidade e os padrões repetitivos estabelecidos pelas famílias dependentes químicas parece consenso para os profissionais que atuam na área (Falcke & Wagner, 2014; Payá, 2010; Penso & Costa, 2008; Schenker & Minayo, 2005).

O uso de álcool pode apresentar-se como um fator negativo transmitido de uma geração a outra, havendo evidências científicas significativas sobre os riscos e consequências do uso de substâncias por pais dependentes químicos em termos de exposição, experimentação, uso/abuso por parte dos filhos adolescentes (Krestan & Bepko, 1995; Payá, 2017). No caso de pais dependentes químicos em recuperação, a família pode ser aliada na busca por tratamento, apoiando e influenciando na recuperação e na manutenção da abstinência. O processo de eliminação de qualquer

conduta aditiva é entendido como abstinência, no entanto o desejo de usar a substâncias poderá permanecer durante todo o período de recuperação. Pesquisa qualitativa de análise temática, realizada no estado de São Paulo, com 50 pacientes internados considera a experiência de abstinência um esforço do dependente químico em assumir sua doença, evitando contextos que reforcem a manutenção desta (Favaro & de Paula, 2012), o que pode incluir o ambiente familiar. O apoio social e os sentimentos positivos configuram-se como benefícios da abstinência (Fernandes, Dolejal, Silva, Ferigolo & Barros, 2015).

Pode-se inferir que, da mesma maneira que o alcoolismo dos pais pode repercutir nas condutas dos filhos adolescentes, também a abstinência dos genitores possa ter algum impacto na vida dos filhos. Não foram encontradas pesquisas sobre a repercussão que a dependência química de pais em abstinência pode ter no uso de álcool por filhos adolescentes, que se constitui como uma importante lacuna no contexto de estudos sobre a dependência química e a transgeracionalidade. Por isso, o objetivo neste estudo foi identificar e compreender a percepção de adolescentes sobre o consumo de álcool em famílias em que pelo menos um dos pais é dependente químico em abstinência. Acredita-se que os resultados do estudo poderão contribuir para o planejamento de intervenções preventivas e terapêuticas relacionadas ao abuso de álcool na adolescência.

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo de natureza exploratória, de abordagem qualitativa. A ideia central contemplou a familiarização com o problema, através de entrevistas com indivíduos que tiveram vivências com o problema, objeto de estudo, e análises que contribuíram para maior compreensão do tema (Gil, 2007). O paradigma sistêmico

embasou a leitura do contexto focando nas questões referentes às relações no escopo familiar.

Participantes

Foram entrevistados quatro adolescentes com idade entre 15 e 18 anos. Os critérios de inclusão foram ser adolescente, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que considera adolescência o período compreendido entre 12 e 18 anos de idade, e ter pelo menos um dos pais/responsáveis dependentes químicos em abstinência por um período mínimo de três anos.

Tabela 1
Caracterização dos participantes

Dados		Participante I	Participante II	Participante III	Participante IV
Sexo		Feminino	Masculino	Masculino	Masculino
Idade		16	18	18	16
Escolaridade		2º Ano Ensino Médio	Cursando Ensino Superior	Cursando Ensino Superior	1º Ano Ensino Médio
Ocupação Profissional		Estudante	Recepcionista	Soldado	Estudante
Reside com		Pais	Mãe	Mãe e Irmã	Mãe e Irmão
Resultado do AUDIT-C		0 pontos (baixo risco)	5 pontos (risco moderado)	2 pontos (baixo risco)	0 pontos (baixo risco)
Uso/ suspeita Álcool/Drogas Família/Amigos		Irmãos e Cunhada	O próprio, tios, primos e avós	Avô, tios paternos e amigos	Avó materna
Substâncias de abuso de familiares e amigos		Álcool, Tabaco, Maconha	Álcool, maconha, tabaco, LSD	Álcool, maconha e benzodiazepínicos	Álcool, tabaco e maconha
Recursos P/ Solucionar Problemas com Drogas de familiares		Comunidade terapêutica, hospitalização, AA/NA, atendimento psiquiátrico e aux. Espiritual	Hospitalização, AA/NA e auxílio religioso/espiritual	Comunidade terapêutica e auxílio religioso/espiritual	Conversa e auxílio religioso
Pai	Idade	65	56	60	55
	Estado Civil	Casado	Divorciado	Solteiro	Separado
	Escolaridade	Técnico	Sup. Incompleto	Sup. Incompleto	Sup. Completo
	Ocupação Profissional	Contador Aposentado	Consultor DQ	Consultor DQ	Funcionário Público
	Substância	Álcool, maconha, cocaína, crack	Álcool, tabaco, maconha	Álcool, maconha, cocaína	Álcool, tabaco, maconha, cocaína, ecstasy, alucinógenos
	Tempo Abstinência	11 anos	26 anos	21 anos	20 anos
Mãe	Idade	58	41	44	50
	Estado Civil	Casada	Divorciada	Solteira (Namorando)	Separada
	Escolaridade	Ens. Médio Completo	Mestrado	Sup. Completo	Sup. Incompleto

	Ocupação Profissional	Licenciada (encostada)	Psicopedagoga	Assistente Social	Fotógrafa
	Substância	Não é DQ	Álcool, tabaco, maconha	Álcool, tabaco, maconha, cocaína	Álcool, tabaco, benzo
	Tempo Abstinência		25 anos	20 anos	20 anos

Instrumentos

Os instrumentos para coleta de dados foram compostos por questionário sociodemográfico (Apêndice A), entrevista semiestruturada (Apêndice B), entrevista de dilemas (Apêndice C) e AUDIT-C (Apêndice D), realizados individualmente com os adolescentes. No questionário sociodemográfico, foram coletados os dados de identificação, composição familiar, história da família e hábitos referentes ao uso de substância psicoativa. Esse questionário teve por objetivo identificar os genitores dependentes químicos, o tipo de substância utilizada e o tempo de abstinência.

A entrevista semiestruturada buscou compreender a relação do adolescente com o álcool, quanto à exposição, à percepção da experiência familiar nesse contexto e as consequências para vida deles. A entrevista de dilemas abordou os mesmos tópicos da entrevista semiestruturada, mas sem envolver a experiência direta do adolescente. Foram apresentadas quatro histórias com personagens fictícios, elaboradas pela autora para o presente estudo, para que o adolescente pudesse criar a continuidade das mesmas ou responder as perguntas específicas sobre o que aconteceria na situação. Os dilemas abordaram situações de festas, aniversários, idades de experimentação de álcool, oferecimento de bebida por amigos, embriaguez e preocupação dos pais sobre uso de álcool.

O instrumento *Alcohol Use Disorder Identification Test- AUDIT- C* (versão reduzida) é composto por três perguntas, validado no Brasil e desenvolvido pela OMS para levantamento, avaliação e classificação do hábito de consumo de bebidas

alcólicas no último ano (Moretti-Pires & Corradi-Webster, 2011). Cada pergunta tem cinco opções de resposta, com pontuação de 0 a 4 e o somatório final varia entre 0 a 12 pontos. Para o sexo masculino, a pontuação de 0 a 3 é considerada de baixo risco, 4 a 5 risco moderado, 6 a 7 alto risco e 8 a 12 risco severo. Enquanto, para o sexo feminino, de 0 a 2 pontos é considerado de baixo risco, 3 a 5 risco moderado, 6 a 7 alto risco e 8 a 12 risco severo.

Procedimentos de coleta de dados

Os participantes foram selecionados por conveniência, por meio de divulgação do estudo na instituição onde a pesquisadora trabalha com o objetivo de ter indicações, por parte dos profissionais que atendem indivíduos dependentes químicos, de potenciais participantes para a pesquisa. Foram recebidas nove indicações que atenderam aos critérios de inclusão citados no item participantes. Considerando que os participantes do estudo são adolescentes, foi realizado contato telefônico com os pais, solicitando autorização formal para que os mesmos participassem da pesquisa. Das indicações, seis concordaram em participar do estudo. Diante do aceite, foram explicados os objetivos e procedimentos que seriam realizados inicialmente aos pais/responsáveis e, posteriormente, feito contato com os adolescentes para anuência e agendamento da entrevista. No dia e horário combinados com os participantes, foi realizado preenchimento da ficha de dados sociodemográficos e do questionário sobre uso de álcool, entrevista de dilemas e entrevista semiestruturada.

O procedimento durou aproximadamente uma hora e trinta minutos e aconteceu no consultório particular da pesquisadora. Quatro concluíram a participação e dois adolescentes não compareceram na data e horários agendados. Após a coleta de dados, as entrevistas foram transcritas na íntegra para análise.

Questões éticas

O presente estudo foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e aprovado, sob parecer 2.550.676 /2018 (Apêndice E). Todas as diretrizes e recomendações éticas envolvendo estudos com seres humanos foram observadas, de acordo com a Resolução 510/ 2016 do Conselho Nacional de Saúde. Após Carta de Anuência da Instituição e com autorização dos pais, por meio de assinatura do TCLE (Apêndice F), foi agendado um horário com o adolescente para realizar o *rapport*, explicando os objetivos do estudo e o convidando a participar da pesquisa. Com a concordância, o adolescente assinou o termo de assentimento (Apêndice G). Para preservar o sigilo e a identidade dos entrevistados, na apresentação dos resultados foi utilizada a letra 'P' seguida de um número que corresponde a ordem sucessiva de entrevistados (P1, P2, P3, P4).

Análise de dados

A análise de dados foi realizada com base na perspectiva sistêmica e análise de conteúdo (Bardin, 2011). A análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, acrescida da inferência de conhecimento relativos às condições de produção. Inferência significa conferir ao método relevância teórica, não somente produzir suposições subliminares sobre determinada mensagem, mas referendá-las teoricamente (Campos, 2004).

Pode-se referir que o método de análise de conteúdo é constituído pelas fronteiras da linguística tradicional e da interpretação do sentido da palavra. De acordo com Campos (2004), esse método pode ser dividido nas seguintes fases: Pré- exploração do material - leitura flutuante que permite contato com os dados coletados a serem

analisados; seleção das unidades de análise- responder as questões da pesquisa, através de palavras, sentenças, frases, parágrafos ou textos de entrevistas, processo de categorização e sub- categorização. Foi utilizada a categorização não apriorística, com base nas respostas dos sujeitos e dos objetivos da pesquisa.

Resultados e Discussão

Por meio da análise de conteúdo foram identificadas quatro categorias temáticas: (1) história e contexto familiar de abuso de substâncias e abstinência (2) fatores de proteção para o não uso de álcool por adolescentes, (3) fatores de risco para o uso de álcool por adolescentes e (4) contradições e ambivalências dos adolescentes no que se refere ao uso de álcool. Cada uma das categorias será descrita na sequência, apresentando sua conceituação, excertos das falas dos participantes e a discussão de dos dados.

História e Contexto Familiar de Abuso de Substâncias e Abstinência

Essa primeira categoria agrupou os conteúdos sobre o histórico de dependência química dos pais relatado pelos adolescentes e sobre a etapa de abstinência que vivenciam. Evidenciou- se que todos os adolescentes entrevistados tinham conhecimento da história dos pais quanto à dependência química deles, como pode-se perceber nos relatos:

“O meu pai usava bastante a droga. Ele começou fumando quando ele tinha 13 anos e daí ele conta que foi agravando, que ele foi querendo mais e foi querendo experimentar outras coisas. Chegou um momento que ele comprava e que ele traficava pra poder pagar o que ele comprava, sabe? Tipo, ele comprava pra usar e ele ainda separava uma parte pra vender, pra poder pagar”. (P1)

“O meu pai, ele começou quando ele saiu do exército, que foi pelos 19/20 por aí, com a maconha, depois não foi o suficiente, depois eles se sentiram com vontade de

sensações melhores e maiores, enfim mais duradouras e daí eles partiram para drogas mais fortes.” (P2)

“Desde quando eu sei que sou gente, eu conheço que os meus pais usaram droga, entendeu? Não me lembro de uma época em que eu não sabia que os meus pais usaram droga. Eles tinham muita coisa boa, e pronto... De uma hora para a outra estavam no fundo do poço.” (P4)

Conhecer a história da família é conhecer sua própria história, tomando consciência de suas fragilidades e potencialidades. A família é considerada um sistema que viabiliza a construção de elos emocionais a partir do compartilhamento das crenças, dos valores e da própria história de cada indivíduo nela inserido (Minuchin, 1990). Nesse sentido, os adolescentes mostraram-se apropriados da trajetória familiar em relação às drogas. Um adolescente ficou em dúvida sobre o uso dos pais e ligou durante a entrevista questionando-os. A mãe retornou posteriormente agradecendo pelo fato de, a partir da entrevista, terem tido a oportunidade de conversar mais sobre o assunto e falar do risco que representa para o adolescente os pais serem dependentes químicos, ainda que em abstinência.

Os filhos destacam, em suas falas, os prejuízos na vida dos genitores em decorrência do abuso de substâncias, como se observa nas falas:

“Eu sei que eles tiveram um bom tempo de uso e isso atrapalhou bastante a vida deles em vários aspectos, tanto familiar como nos estudos, isso acabou prejudicando bastante. Até o momento que eles pararam já tão com uma grande diferença na vida deles. (...) A minha mãe conseguiu estudar, se formar, construir uma família. Meu pai basicamente as mesmas coisas, não chegou a se formar justamente por um dos fatores que foi isso, o uso que acabou atrapalhando essa etapa da vida dele”. (P4)

Ele (o pai) chegou a morar na rua enfim, daí ele foi internado, fugiu da internação, voltou para ser internado de novo. E minha mãe foi parecido, até que eles foram para o N.A. (P2)

Quanto à abstinência dos pais, os relatos indicam que o fato dos pais não estarem fazendo uso influencia o não consumo por parte dos filhos, na percepção deles.

Se os pais usam com frequência acabam influenciando os filhos a quererem experimentar também e, ao contrário, se os pais já tiveram um problema e não usam mais podem ajudar a conscientizar o filho da importância de ter cuidado no uso, de preferência até não usar. (P3)

Eu peguei isso, a experiência que os meus pais me passaram foram essas, entendeu? Foi o legado deles, coisa que eles mais me marcaram em mim, (...) a mais forte foi essa coisa de “Não! Não use, faz mal, tenha cuidado”, é isso! (P4)

Os dados obtidos revelam conhecimento da história familiar, reconhecimento dos prejuízos que podem ser causados pelas drogas e a influência que o comportamento dos pais exerce sobre os filhos, tanto com relação à dependência quanto à abstinência. Nesse sentido, reconhece-se o fenômeno da transgeracionalidade descrito na literatura (Carter & McGoldrick, 2011; Baptista, Cardoso & Gomes, 2012; Falcke & Wagner, 2005), exercendo influências positivas e negativas na vivência dos filhos (Donaldson, Handren & Crano, 2016; Cortés, Méndez & Aragon, 2015; Park & Kim, 2009; Pereira, Silva, Oliveira, Vargas, Colvero, & Leal, 2011).

Fatores de Proteção Para o Não Uso de Álcool por Adolescentes

Nessa categoria, são apresentados aspectos considerados protetivos quanto ao uso de álcool pelos adolescentes, a partir do entendimento de que famílias com filhos adolescentes passam por modificações, precisando substituir os vínculos infantis por vínculos mais maduros e independentes, tendo em vista que os filhos buscam por mais

autonomia e independência nessa fase do ciclo de desenvolvimento. A vulnerabilidade desse período é proporcional à necessidade de adaptação da família ao processo de individuação (diferenciação) do adolescente (Diehl & Figlie, 2014). A forma como os pais lidam com essa característica, exigida pelo ciclo vital da adolescência, é de extrema relevância para adaptação à nova fase.

Os relatos dos adolescentes evidenciam a escolha por não usar drogas a partir das situações familiares difíceis relacionadas ao uso abusivo:

“Eu sei que é uma coisa que eu não quero pra mim, porque eu sei o quanto é difícil, eu vi o quanto é difícil (a menina se emociona e chora). Não só quando é um familiar que tenta ajudar, como também tentar sair do buraco que a gente criou. E eu não quero isso pra mim, nem pra minha família. É isso...” (P1)

“Eu não uso drogas, meu pai e minha mãe usaram. Então eles sempre falaram “olha, tu tens muita chance de ficar viciado muito fácil, muito fácil”. Porque isso tá no meu DNA, já vem essa coisa viciante. Então, eu posso ficar viciado até em sorvete, bala, sei eu, ... sabe? Então eu sempre tive um cuidado sobre isso. Toda vez que eu começava a gostar muito de alguma coisa, comprando ou sempre pedindo alguma coisa, eu chegava e parava. Não, mesmo que eu adore essa coisa, eu quero muito ela, eu não vou comprar, ou não vou ter, entende? Eu acho que foi isso que influenciou, no caso””. (P4)

O suporte familiar, a comunicação de normas claras, o senso de confiança e a responsabilidade dos pais quanto ao que transmitem como modelo para os filhos são considerados fatores de proteção. Orientar através da vivência e da comunicação assertiva e não de imposições parece ser o melhor caminho. A comunicação entre pais e filhos assume papel fundamental na prevenção de comportamentos de risco, entre eles o uso de drogas (LaBrie, Boyle & Napper, 2015). Além disso, há evidências científicas

significativas sobre os riscos e consequências do uso de substâncias por pais dependentes químicos em termos de exposição, experimentação, uso/abuso por parte dos filhos adolescentes (Payá, 2017).

Quanto as características individuais protetivas, têm-se as habilidades na resolução de problemas, competência sócio emocional, vínculos com instituições sociais e senso de autonomia (Diehl & Figlie, 2014). Quando, na entrevista semiestruturada, foram questionados sobre o que faz com que algumas pessoas nunca tenham usado drogas surgem respostas que condizem com a literatura:

“Acho que a vontade própria, talvez baseado nos ensinamentos dos pais que frisam bastante a importância de ter cuidado com as drogas e com... Talvez a pessoa não frequente tanto lugares propícios para uso, pode ser isso talvez”. (P3)

“Atividades extracurriculares, tipo, como eu tô fazendo curso de inglês, ou fazer algum esporte... ou, estudar algum instrumento, ou qualquer coisa assim. Incluir... se incluir em um grupo, sabe? E que não precise ficar pensando nesse tipo de coisa.” (P1)

De acordo com Coelho e Oliveira (2014), essa doença biopsicossocial tem relação direta com o meio no qual o indivíduo está inserido. Então o não uso pelos pais devido a problemas com substâncias psicoativas poderia contribuir para modificar a percepção dos adolescentes, assim como, regras e limites claros por parte dos pais.

Fatores de Risco Quanto ao Uso de Álcool por Adolescentes

Nessa categoria são apresentados e discutidos fatores de risco para o uso de substâncias relatados pelos adolescentes. Os participantes referiram que a influência dos pais e questões transgeracionais são aspectos importantes. Em relação às questões transgeracionais, observa-se que elas se expressam de duas formas. Em três casos, a experiência dos pais foi apontada como motivadora para a não aproximação com a

droga, como discutido nos fatores de proteção. Mas em um deles, como podemos identificar no relato a seguir, apresentou-se como fator de risco.

“Principalmente pela minha relação com a droga, eu passei 12/14 anos ouvindo que não era para eu usar e, quando eu usei, por exemplo, o meu pai chegou a comentar de me internar. Com menos de um ano de uso, eu podia muito bem falar, tá bem eu vou parar de usar, mas eu não parei de usar, porque eu queria mostrar para eles que aquele não era um problema que tava me afetando, que poderia ser um problema que afetou eles, na experiência que eles tiveram com a droga.(...) Por isso que eu falo pro pai e pra mãe que eles não precisavam se preocupar porque a experiência deles é uma e a minha experiência é outra, entendeu? Tanto que eu falo pra eles “ó, um ano e oito meses eu tô usando e eu não tenho vontade de usar drogas mais fortes, eu só continuo na mesma droga” e isso foi uma coisa que não aconteceu com eles. Eu falo pra eles “ó, isso foi uma coisa que não aconteceu com vocês, vocês já partiram pra outras drogas e eu ainda não””. (P2)

Nesse relato, fica configurada a afirmação da literatura de que o beber dos pais é um indicativo tanto do início precoce, quanto do abuso de álcool pelos filhos (Alati, Baker, Betts, Connor, Little, Sanson & Olsson, 2014). De acordo com Diehl e Figlie (2014), filhos de alcoolistas têm maior risco de desenvolver dependência química, no relato confirmado pelo uso de maconha e pela indicação de que “ainda não” foram necessárias drogas mais pesadas.

A transgeracionalidade refere-se à transferência dos padrões de relacionamento familiar que se manifestam de uma geração para outra. Essas transmissões geracionais podem sofrer modificações ou apenas se repetirem. Carter e McGoldrick (2011) afirmam que a constituição do ciclo de vida familiar sofre um constante processo de mudança e readaptações, influenciando e sendo influenciado pelas vivências familiares,

com maior ou menor intensidade. Nesse sentido, na adolescência, a interferência do grupo de pares também é considerada como fator de risco, como fica claro no relato:

“Se é os amigos que tão oferecendo, eu acho que iria experimentar”. (P4)

Percebe-se o grupo de pares como fator de risco que pode contribuir para o uso e abuso de álcool (Natividade, Aguirre, Bizarro & Hutz, 2012). No período da adolescência, os pais perdem espaço para o grupo de amigos como indica estudo de Mrug e McCay (2013), ao concluírem que o uso de álcool no início da adolescência pode ser reforçado pelos pares.

Contradições e Ambivalências dos Adolescentes no que se Refere ao Uso de Álcool

Na entrevista de dilemas, os participantes da pesquisa entraram em contradição demonstrando ambivalência quanto ao uso de álcool na adolescência. Ainda que ao longo da entrevista semiestruturada preponderassem os conteúdos que indicam o receio e a opção por não utilizar bebida alcoólica, na entrevista de dilemas, quando perguntados sobre como pensam que um adolescente qualquer iria se comportar em uma festa em que lhe oferecessem bebida, parecem valorizar a experiência e apoio do grupo de pares em detrimento da história dos pais.

“Ela talvez não tenha tanta noção quanto o pai, que já usou e utilizou e ache talvez normal de acordo que ela vê os amigos usando, não tenha problema.” (P3).

Sobre como seria o aniversário de um adolescente, comentaram:

“Ele deve ter convidado os amigos dele só, sem a família e eles devem provavelmente ter bebido e usado drogas”. (P1)

“Provavelmente um desses amigos, que é aquele amigo mais brincalhão vai trazer uma bebida talvez, pra ele experimentar. No caso se ele nunca experimentou nada, nessa historinha, talvez esse amigo dele diga ‘Ah experimenta esse aqui, vamo lá se divertir, é a primeira vez, vai ser legal’. É isso que eu acho.” (P4)

“Vai lá toma uma cervejinha, né, enfim, faz outras coisas mais sociáveis, usam drogas que dá pra usar no meio social, né?”. (P2)

Ainda em situação que já envolvia embriaguez, a indicação foi:

“Mandar ela beber água junto com a bebida que dá uma equilibrada, dá uma hidratada, que fica melhor, que aí ela não dá esses fiasco também”. (P2)

A entrevista de dilemas permitiu verificar que a deseabilidade social deve ter norteado a entrevista semiestruturada na qual falavam deles através de um discurso mais elaborado que considerou a experiência dos pais quanto à dependência de substâncias. Porém, pela via da projeção, falando de um adolescente fictício, o medo de reconhecer suas fragilidades parece que deu lugar ao novo e à onipotência, características da fase da adolescência, trazendo fortemente a necessidade de diferenciação/individuação em relação aos pais, bem como indicando estratégias conhecidas sobre como lidar com o álcool. Esses resultados corroboram a literatura (Natividade, Aguirre, Bizarro, & Hutz, 2012) sobre a vulnerabilidade do período da adolescência, que inclui a procura por relacionamentos afetivos e sexuais, reconhecimento social, autonomia em relação aos pais e pressão do grupo de iguais, podendo contribuir para a relação de uso e abuso de álcool, ficando evidente a perda de espaço dos pais e o questionamento do modelo familiar. Além disso, evidenciam também a necessidade de ir além do discurso pronto que os adolescentes podem apresentar, à primeira vista, sobre drogas, pois esse pode estar encobrindo justamente a vulnerabilidade que deve ser foco da intervenção psicológica.

Considerações Finais

Este artigo objetivou compreender a relação dos adolescentes com álcool em famílias com pelo menos um dos pais dependentes químicos, em abstinência. Os

resultados indicaram que, apesar dos adolescentes terem conhecimento da história de uso de substâncias por parte de um ou mesmo ambos os pais e entenderem a importância da abstinência no processo de tratamento da dependência química deles, as características do período da adolescência estão fortemente presentes, levando ao questionamento/enfrentamento dos modelos familiares. Desse modo, apesar do conhecimento dos riscos aos quais estão expostos pelos fatores genéticos, sociais e transgeracionais, a necessidade inerente de experimentação, busca da individualidade e aceitação pelo grupo de pares faz com que desponte ambivalência quanto ao uso de álcool. Três dos entrevistados parecem ficar mais atentos aos riscos inerentes aos filhos de dependentes químicos, inclusive obtendo pontuações baixas no AUDIT-C, enquanto um deles demonstra acreditar na possibilidade de fazer uso de substâncias sem considerar e/ou desafiando a vivência dos pais, já evidenciando risco moderado e indicando um padrão abusivo de álcool no instrumento.

Constata-se que o ambiente familiar pode tanto influenciar quanto proteger o adolescente do uso de substâncias, dependendo do seu grau de (dis)funcionalidade. O uso de álcool por adolescentes preocupa, sendo que 50% dos alunos do 9º ano do ensino fundamental já experimentaram (IBGE, 2016), portanto o estudo demonstra relevância para entender se a abstinência dos pais dependentes químicos poderia interferir no uso dos filhos adolescentes.

O estudo apresenta limitações condizentes com o método qualitativo, destinando seu resultado aos participantes entrevistados, não permitindo generalizações. Porém amplia possibilidades de compreensão do fenômeno e evidencia a necessidade de mais pesquisas sobre o tema para entendermos como a abstinência de pais dependentes químicos interfere na percepção dos adolescentes sobre o uso de álcool, bem como sobre a ambivalência no adolescente frente à experimentação.

Referências

- Alati, R., Baker, P., Betts, K. S., Connor, J. P., Little, K., Sanson, A., & Olsson, C. A. (2014). The role of parental alcohol use, parental discipline and antisocial behaviour on adolescent drinking trajectories. *Drug and alcohol dependence, 134*, 178-184. doi: <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2013.09.030>.
- Baptista, M. N., Cardoso, H. F., & Gomes, J. O. (2012). Intergeneracionalidade familiar. In M. N. Baptista & M. L. M. Teodoro (Orgs.), *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção* (pp. 16-26). São Paulo, SP: Artmed.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (4a ed.). Lisboa, PT: Edições 70.
- Laranjeira, R., Pinsky, I., Zaleski, M. & Caetano, R. (2007). *II Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira*. Retrieved from <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/93283>.
- Campos, C.J.G. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem, 57*(5), 611-4. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5>.
- Cardoso, L.R.D., & Malbergier, A. (2014). Habilidades sociais e uso de drogas em adolescentes. *Pediatria Moderna, 50*(12), 570-575. Retirado de http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=5997
- Carter, B.; McGoldrick, M. (2011). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Cols.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a. ed, pp. 7-29) (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Coelho, L.R.M., & Oliveira, M.S. (2014). Avaliação dos comportamentos dependentes. *Aletheia, 43/44*, 248-251. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115039411019.pdf>.

- Cortés, J.M. G., Méndez, M. G., & Aragón, S. R. (2015). Potencial resiliente en familias com adolescentes que consumen y no consumen alcohol. *Acta Colombiana de Psicología*, 18(2), 163-172. doi: <http://www.dx.doi.org/10.14718/ACP.2015.18.2.14>.
- Diehl, A., & Figlie, N.B. (2014). *Prevenção ao uso de álcool e drogas: o que cada um de nós pode e deve fazer? Um guia para pais, professores e profissionais que buscam um desenvolvimento saudável para crianças e adolescentes*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Donaldson, C. D., Handren, L. M., & Crano, W. D. (2016). The enduring impact of parent's monitoring, warmth, expectancies, and alcohol use on their children's future binge drinking and arrests: a longitudinal analysis. *Prevention Science*, 17(5), 606-614.
- Falcke, D., & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição e conceitos. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Favaro, F., & de Paula, S. R. (2012). Dependentes químicos: o perfil da abstinência de drogas. *J. Health Sci Inst*, 30(1), 41-43. Recuperado de https://www.unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2012/01_jan-mar/V30_n1_2011_p41-43.pdf.
- Fernandes, S., Dolejal, B.A., Silva, D.C., Ferigolo, M., & Barros, H.M.T. (2015). Os benefícios obtidos com a parada do uso de drogas por usuários de um serviço de teleatendimento. *Aletheia*, 46, 66-73. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115048330006>
- Gil, A.C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, SP: Atlas.

- Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Bueno, R. K., & Crepaldi, M. A. (2014). As Origens do Pensamento Sistêmico: Das Partes para o Todo. *Pensando Famílias*, 18(2), 183-316. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a02.pdf>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016). *55,5% dos estudantes já consumiram bebida alcoólica e 9,0% experimentaram drogas ilícitas*. Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-denoticias/releases/9501-pense-2015-55-5-dos-estudantes-ja-consumiram-bebida-alcoolica-e-9-0-experimentaram-drogas-ilicitas>.
- Krestan, J., & Bepko, C. M. S. W. (1995). Problemas de alcoolismo e o ciclo de vida familiar. In B. Carter & M. Mc Goldrick (Orgs.). *As mudanças no ciclo da vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 415-439). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- LaBrie, J. W., Boyle, S. C., & Napper, L. E. (2015). Alcohol abstinence or harm-reduction? Parental messages for college-bound light drinkers. *Addictive behaviors*, 46, 10-13. doi: <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2015.02.019>.
- Lins, M.R.S.W., & Scarparo, H.B.K. (2010). Drogadição na Contemporaneidade: pessoas, famílias e serviços tecendo redes de complexidade. *Psicologia Argumento*, 28 (62), 261-271. Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20007/19295>.
- McLaughlin, A., Campbell, A., & McColgan, M. (2016). Adolescent Substance Use in the Context of the Family: A Qualitative Study of Young People's Views on Parent-Child Attachments, Parenting Style and Parental Substance Use. *Substance use & Misuse*, 51(14), 1846-1855. doi: <https://doi.org/10.1080/10826084.2016.1197941>.

- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento & tratamento* (J.A. Cunha, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Minuchin, S., & Fishman, H.C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Moretti-Pires, R. O., & Corradi-Webster, C. M. (2011). Adaptação e validação do Alcohol Use Disorder Identification Test (AUDIT) para população ribeirinha do interior da Amazônia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 27(3), 497-509. Recuperado de <https://www.scielo.org/pdf/csp/2011.v27n3/497-509/pt>.
- Mrug, S., & McCay, R. (2013). Parental and peer disapproval of alcohol use and its relationship to adolescent drinking: Age, gender, and racial differences. *Psychology of addictive behaviors*, 27(3), 604-614. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/a0031064>
- Natividade, J.C., Aguirre, R.C., Bizarro, L., e Hutz, C.S. (2012). Fatores de personalidade como preditores do consumo de álcool por estudantes universitários. *Cadernos de Saúde Pública*, 28(6), 1091-1100. Recuperado de <https://www.scielo.org/pdf/csp/2012.v28n6/1091-1100/pt>
- Organização Mundial da Saúde. (2017). *World Health Statistics 2017*. Recuperado de <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/255336/1/9789241565486-eng.pdf?ua=1>
- Park, J.S., & Kim, T.H. (2009). Do types of organizational culture matter in nurse job satisfaction and turnover intention? *Leadership in Health Services*, 22(1), 20-38. doi: <https://doi.org/10.1108/17511870910928001>
- Payá, R. (2010). A dependência química na visão sistêmica. In R. Payá, *Intercâmbio das psicoterapias: abordagens e transtornos* (pp. 513-522). São Paulo, SP: Roca.
- Payá, R. (2017). *Intervenções familiares para o abuso e dependência de álcool e outras drogas*. Rio de Janeiro, RJ: Roca.

- Penso, M. A., & Costa, L. F. (2008). *A Transmissão geracional em diferentes contextos; da pesquisa e intervenção*. São Paulo, SP: Summus.
- Pereira, M. O., Silva, S. S., Oliveira, M. A. F., Vargas, D., Colvero, L. A., & Leal, B. M. M. L. (2011). A percepção dos adolescentes acerca do álcool e outras drogas no contexto familiar. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool E Drogas*, 7(3), 148-154. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v7i3p148-154>.
- Prata, E.M.M., & Santos, M.A. (2009). Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico. *Estudos de Psicologia*, 11(3), 315-322. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v11n3/09.pdf>
- Schenker, M., & Minayo, M.C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717. Recuperado de <https://www.scielo.org/pdf/csc/2005.v10n3/707-717/pt>.
- Sociedade Brasileira de Pediatria (2017)
<https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sociedade-de-pediatria-lanca-guia-para-estimular-a-prevencao-ao-consumo-de-alcool-precoce-entre-os-adolescentes/>
- Vasters, G.P., & Pillon, S.C. (2011). O uso de drogas por adolescentes e suas percepções sobre adesão e abandono de tratamento especializado. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 19(2). Recuperado de <https://www.redalyc.org/html/2814/281421955013/>.

Artigo II

Filhos adolescentes de dependentes químicos em abstinência: estudo de casos contrastantes

Resumo: O objetivo deste estudo foi analisar casos contrastantes de adolescentes filhos de dependentes químicos em abstinência, um que faz uso de substâncias e outro que não faz (conforme AUDIT-C), compreendendo as diferentes repercussões que as experiências familiares podem ter sobre a conduta de uso de álcool pelos filhos adolescentes. O estudo qualitativo de casos contrastantes, utilizou questionário de dados sociodemográficos, o genograma e a entrevista semiestruturada. Verificou-se que, além dos aspectos transgeracionais, a adaptação da família à fase da adolescência, o estilo de comunicação e de autonomia dada aos filhos influenciaram o uso ou não de álcool destes. Evidencia-se a necessidade de atenção ao risco de abuso de substâncias pelos filhos, mesmo no contexto de abstinência dos pais.

Palavras-chave: filhos adolescentes; uso de álcool; famílias dependentes químicas.

Abstract: The aim of this study was to analyze contrasting cases of adolescent children of abstinent drug addicts, one who makes use of substances and another that does not (according to AUDIT-C), understanding the different repercussions that family experiences may have on the conduct of alcohol use by adolescent children. The qualitative study of contrasting cases used a questionnaire of sociodemographic data, the Genogram and the semi-structured interview. It was verified that, in addition to the transgenerational aspects, the adaptation of the family to the adolescent phase, the communication style and autonomy given to the children influenced the use or not of

alcohol. It is evident the need for attention to the risk of substance abuse by children, even in the context of abstinence from parents.

Keywords: adolescent children, alcohol use, chemical dependent families

Resumen: El objetivo de este estudio fue analizar casos contrastantes de adolescentes hijos de dependientes químicos en abstinencia, uno que hace uso de sustancias y otro que no lo hace (según el Cuestionario de Identificación de los Trastornos debidos al Consumo de Alcohol – AUDIT-C) comprendiendo las diferentes repercusiones que las experiencias familiares pueden tener en la conducta del uso de alcohol por los hijos adolescentes. En el estudio cualitativo de casos contrastantes, se utilizó un cuestionario de datos sociodemográficos, el genograma y la entrevista semiestructurada. Se verificó que, además de los aspectos transgeneracionales, la adaptación de la familia a la fase de la adolescencia, el estilo de comunicación y de autonomía ofrecida a los hijos influyeron en el uso o no de alcohol de éstos. Se evidencia la necesidad de atención al riesgo de abuso de sustancias por los hijos, incluso en el contexto de abstinencia de los padres.

Palabras clave: hijos adolescentes, uso de alcohol, familias dependientes químicos.

Introdução

A dependência química é um fenômeno complexo, no qual seu desenvolvimento e manutenção estão associados à dinâmica familiar (Payá, 2017). Nessa dinâmica, o nascimento de um indivíduo se dá em um contexto preenchido por personagens e histórias como se fossem páginas de um livro, com alguns capítulos já escritos. O indivíduo passa a escrever junto à família novas páginas sem que seja possível alterar as anteriores. Desse modo, somos influenciados pelas páginas escritas antes e depois de

nascermos e influenciemos a família pelas que escreveremos (Andolfi, 2018). O autor ainda reafirma que cada membro da história familiar é protagonista de sua própria história e também personagem na história dos demais, atravessado por expectativas, normas, valores e legados, permitindo que cada família seja única. Sendo assim, ao pensar na perspectiva histórica da família é preciso entender a importância das questões intergeracionais.

Quando há união de duas pessoas, um sistema novo surge com as heranças de cada indivíduo. De acordo com Falcke e Wagner (2014), estas heranças podem ser entendidas pelo conceito de transgeracionalidade o qual indica a transmissão de legados familiares de geração a geração, através de uma visão histórica. Portanto, as questões transgeracionais influenciam o funcionamento do indivíduo e também da nova família que será construída. Este padrão transmitido pelos relacionamentos de geração para geração na família de origem acompanham o indivíduo no ciclo de vida, alinhando-se à perspectiva de Minuchin (1990), ao considerar que as modificações socioculturais repercutem na família, fazendo com que esta tenha que se adaptar para cumprir sua função de apoiar o desenvolvimento de seus membros. Percebe-se que o pertencimento a um grupo familiar se torna uma das etapas mais importantes para o desenvolvimento do indivíduo, pois o processo de aprendizagem iniciado na infância, pelas experiências e convivências familiares, constituirá o futuro adulto (Razera, Cenci, & Falcke, 2014).

Cada família herda conteúdos ao longo da vida (Boszormenyi-Nagy, 1984), identificados como legados e, por meio das “lealdades invisíveis”, a família passa a ter uma contabilidade formada por uma lista de direitos e deveres que se esforça para manter em dia, incluindo dívidas, débitos e créditos. As lealdades invisíveis são manifestadas na repetição de padrões transgeracionais para manutenção do vínculo entre as diferentes gerações (Celestino & Bucher-Maluschke, 2015). O processo de extinção

dessa dívida se dará com o exercício de movimentos rumo à autonomia em busca de independência da família de origem, o que Bowen (1989) denominou “Posição Eu”, relativa ao processo de individuação. O autor propôs o conceito de *diferenciação do self* da família de origem, entendendo que, quanto menor o grau de fusão emocional entre os membros da família, tanto maior será sua capacidade de perceber-se como sujeito com um *self* completo e independente da família de origem. Quando esse modelo de méritos e contas perde flexibilidade e se torna rígido, o sintoma surge expressando a necessidade de regulação do sistema, acionando a lealdade da família.

Conforme Falcke e Wagner (2014), há momentos do ciclo evolutivo em que o indivíduo se confronta mais do que em outros com questões da família de origem, o que normalmente acontece em períodos de crise. A adolescência pode ser entendida, naturalmente, como um período de crise por ser a fase que compreende a passagem da infância para a vida adulta, quando o exercício de autonomia e socialização se intensificam na tentativa de iniciar o processo de diferenciação da família de origem. Nessa fase, os filhos não desejam mais ser como a mãe e o pai, buscando serem eles mesmos (Nichols & Schwartz, 2007). O jovem vivencia diversos contatos sociais e situações de lazer e começa a treinar vários papéis sociais (Diehl & Figlie, 2014). O Fundo da Nações Unidas para a Infância (Unicef, 2011) define adolescência como uma fase de oportunidades:

Oportunidade para os adolescentes vivenciarem e desenvolverem a autonomia, identidade, aprendizagens e descobertas. Oportunidade para as famílias, que têm a chance de se relacionar de uma maneira diferenciada com seus filhos, baseada no diálogo franco e aberto, na troca de ideias e na crescente participação dos adolescentes nas decisões familiares, o que pode resultar num interessante processo de amadurecimento para todos. (p. 14)

Na adolescência, os papéis e as responsabilidades do adolescente são diferentes dos vivenciados na infância. Da mesma forma, os pais, que desempenhavam uma

função na infância, passarão a ter outras atribuições na adolescência dos filhos (Walsh, 2016). Entende-se que não é somente uma crise do desenvolvimento, mas uma concentração de crises que envolve todos os membros da família. O modo como a família vai vivenciar essa fase do ciclo vital, como vai lidar com os eventos previsíveis—estressores horizontais, que se referem às mudanças desenvolvimentais do ciclo da família através do tempo – e com eventos imprevisíveis - estressores verticais, relacionados às heranças biológicas, atitudes, crenças, padrões e expectativas transmitidos historicamente pela família às gerações subsequentes - terá influência sobre todo o funcionamento familiar (McGoldrick & Shibusawa, 2016). Estes eventos repercutem na estrutura familiar e, quando não são resolvidos, a tornam disfuncional (McGoldrick et al., 2011). Segundo Ramires e Falcke (2018), a família é o espaço mais indicado para o desenvolvimento infantil e adolescente, contanto que esta esteja sadia.

Vulnerabilidades na família muitas vezes não permitem que esse desenvolvimento se dê de forma saudável, sendo necessário atentarmos para normas e valores que regem todo o sistema. O modelo de interação entre os membros da família está organizado em estruturas, subsistemas e fronteiras (Nichols & Schwartz, 2007). A estrutura é determinada pelo modo como a família se relaciona entre si, os subsistemas são agrupamentos diferenciados por gênero, interesses e gerações, que vão repercutir nos vários papéis que cada membro familiar desempenha na família. As fronteiras protegem o subsistema regulando o contato entre os indivíduos (Minuchin, 1990).

De acordo com Walsh (2016), a falta de uma relação próxima entre pais e filhos nesta fase do desenvolvimento coloca o adolescente em uma situação de vulnerabilidade, aumentando o risco de abuso de substâncias e pode levar à dependência química. A dependência química é considerada uma doença biopsicossocial, pois, além da influência do meio, as questões da herdabilidade e predisposição genética assumem

importante papel no seu desenvolvimento (Payá, 2017). Nesse sentido, a família, considerada o primeiro espaço onde estamos inseridos, pode tanto ser fator de risco quanto de proteção para o uso de substâncias. Estudo de caso, realizado em um Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas do RS (CAPS ad), sobre a inserção da família no tratamento da dependência química reforça que a família pode ser base para saúde, mas também pode induzir o indivíduo ao uso abusivo de álcool e drogas (Shimoguri & Serralvo, 2017).

O modelo sistêmico pressupõe o entendimento da transmissão da dependência química através da abordagem familiar transgeracional, avaliando a relação do indivíduo, da substância e do contexto social. A herança de uma geração para outra baseia-se nos valores e impressões transmitidos e aqueles construídos no decorrer do tempo, constituindo a identidade da família alcoólica (Penso & Costa, 2008). Estudo qualitativo descritivo realizado com 11 participantes, sobre percepção de usuários de cocaína/crack quanto à rede de apoio, na cidade de Porto Alegre/RS, concluiu que a família de origem frequentemente faz uso de substâncias, identificando a transgeracionalidade do abuso (Conzatti, Rodrigues, Silva, Ávila, & Oliveira, 2016).

Payá (2017) considera que o abuso de substâncias está inserido em contexto no qual os padrões de comportamento se repetem para manter o estilo de vida familiar, fazendo com que normas e crenças mantenham a homeostase. Enfatiza que o conceito de homeostase se relaciona há dois momentos distintos da teoria sistêmica: a primeira cibernética, que entende o abuso de substâncias como uma forma de não mudança para preservar a estabilidade da família, e a segunda cibernética que percebe o abuso de substâncias como possibilidade de modificar e adequar o sistema familiar a novas necessidades. Nessa perspectiva, a teoria sistêmica propõe um modelo de entendimento da dinâmica familiar considerando o uso de substâncias como um sintoma da

disfuncionalidade desse sistema, conforme ilustra a pesquisa sobre a importância da família no tratamento da dependência química (Loyola, Nascimento, Lino, & Ribeiro, 2017).

Nesse caso, muitas vezes, a família se une para lidar com o sintoma, negando a tentativa do movimento de independência e autonomia dos filhos e a substância cumpre a função de pseudoindivuação, fazendo com que os filhos fiquem presos no círculo vicioso de saída e volta à casa dos pais. Desta forma, o padrão estabelecido pelo adolescente pode se perpetuar seguindo o modelo de abuso da família ou instigá-lo a um comportamento super- funcional e rígido (Payá, 2017).

O consumo de substâncias pode aparecer, desse modo, expressando as dificuldades de toda família em lidar com o processo de desenvolvimento, experimentando abandono e rupturas como formas de ameaça ao sistema familiar. Estudo de caso exploratório realizado em CAPS-ad no RS corrobora com a ideia de que o sintoma regula o sistema familiar, por outro lado denuncia que algo não vai bem (Paz & Colossi, 2013). De acordo com outro estudo realizado em um Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência (Capsia) do Rio Grande do Sul, através da análise dos prontuários de 229 adolescentes usuários, foi constatado que, dos 187 pacientes adolescentes do sexo masculino, 56,8% referiram convivência com familiares que também utilizavam substâncias (Bittencourt, França, & Goldim, 2015). Neste mesmo sentido, um estudo de revisão sistemática sobre o uso de drogas por estudantes do ensino médio nos estados brasileiros, encontrou como característica que estudantes que faziam uso de álcool tinham familiares que consumiam álcool em excesso (Pasuch & Oliveira, 2014).

Apesar de a literatura identificar o quanto a questão transgeracional de pais dependentes químico exerce influência sobre o uso de substâncias pelos filhos

adolescentes, ainda há uma lacuna sobre essa influência exercida quando os pais são dependentes químicos em abstinência. A abstinência é entendida como uma condição para o tratamento da dependência química, mantendo-se longe das situações que favoreçam a possibilidade de uso (Payá, 2017), sendo que, quanto mais disfuncional a família, maior a necessidade imediata da abstinência. Não foram localizados estudos sobre as repercussões da abstinência dos pais no uso de substâncias dos filhos, o que demanda atenção de cientistas e profissionais que atuam na área.

Frente a esse cenário, procurou-se entender como a história de pais dependentes químicos em abstinência pode servir para instigar a curiosidade e aproximação com o álcool ou ao contrário, servir como precaução e afastamento desse uso, por parte dos filhos adolescentes. Nesse sentido, foi realizado um estudo de caso contrastantes verificando o quanto a dinâmica familiar e saber da história de dependência química dos pais em abstinência pode ter repercutido na relação dos filhos adolescentes com o álcool.

Método

Delineamento

Foi realizado um estudo qualitativo (Creswell, 2010), com delineamento de estudo de casos contrastantes (Yin, 2015) e caráter exploratório. A síntese de dados cruzados permite que seja feita comparação dos dados individuais preservando características significativas dos fenômenos.

Participantes

Participaram deste estudo dois adolescentes do sexo masculino, um com 16 anos e o outro com 18 anos, selecionados por conveniência. Os adolescentes foram localizados dentre os participantes de um estudo prévio anterior, que avaliou a percepção de adolescentes sobre o consumo de álcool em famílias, em que pelo menos

um dos pais é dependente químico em abstinência, por serem os que obtiveram a maior e a menor pontuação, de acordo com o AUDIT-C, identificando o contraste do uso de álcool entre eles.

O adolescente de 16 anos é estudante, do segundo grau do ensino médio, em escola particular, mora com a mãe e um irmão de 13 anos, ambos os pais são dependentes químicos em abstinência. Ele obteve pontuação '0' no AUDIT, indicando baixo-risco. O adolescente de 18 anos acabou de ingressar na Universidade, para cursar faculdade na área da saúde, mora com a mãe e irmã de 19 anos, também possui ambos os pais dependentes químicos em abstinência. A pontuação obtida no AUDIT foi "5", revelando risco-moderado. Os dois adolescentes relataram possuir avós que fizeram uso de álcool e tabaco, e apenas o adolescente de 18 anos relata que o tratamento do pai incluiu internação.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram: questionário sociodemográfico, entrevista semiestruturada, genograma e Audit-C. O questionário sociodemográfico teve o objetivo de descrever o perfil dos entrevistados, informar dados quanto à escolaridade, composição familiar, história de uso de substâncias por membros da família, tipo de substância utilizada, tempo de abstinência dos pais e formas de tratamento. A entrevista semiestruturada buscou compreender o quanto os adolescentes conheciam sobre a vivência dos pais quanto ao uso de drogas, sua própria experiência em relação a qualquer tipo de substância e se eles tinham algum entendimento sobre as repercussões do uso e abstinência dos pais em suas vivências.

O genograma foi utilizado como representação gráfica para ampliação da história familiar e para confirmar dados trazidos pelo questionário sociodemográfico, pela entrevista semiestruturada e, principalmente, verificar a história de possível

transgeracionalidade quanto ao uso de substâncias e possibilidade de dependência química. Através do Audit-C foi verificado o padrão de consumo de álcool pelos adolescentes.

Procedimento de coleta de dados

Os adolescentes foram triados em instituição privada de Porto Alegre de acordo com os critérios de abstinência dos pais e idade dos adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990). Dos adolescentes que participaram de estudo anterior, que avaliou a percepção dos adolescentes sobre o consumo de álcool dos pais e as consequências desse uso para a vida deles, dois foram utilizados para este estudo. Os dois casos foram selecionados por apresentarem índices de uso de substâncias e relatos divergentes quanto ao uso de álcool, avaliados tanto em teste (AUDIT-C) quanto em entrevista semiestruturada.

Foi agendado horário individual para as entrevistas com cada participante e preenchido o questionário de dados sociodemográficos, a entrevista semiestruturada e o AUDIT-C, o procedimento durou em torno de uma hora e ocorreu na clínica particular em que trabalha a pesquisadora. Em um segundo momento, também nesta mesma clínica com duração aproximada de uma hora, foram coletados mais dados para subsidiar a construção do genograma.

Questões éticas

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sob parecer número 2.550.676/2018, adotando

as diretrizes e recomendações éticas envolvendo seres humanos foram observadas, conforme a Resolução 510/ 2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Os adolescentes foram convidados para participar do estudo e aqueles que aceitaram assinaram o Termo de Assentimento, além de seus pais terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os participantes poderão ter acesso aos

resultados da pesquisa através da publicação dos resultados por meio de divulgação científica.

Análise de dados

A análise de dados dos estudos de casos contrastantes foi qualitativa, apoiada da perspectiva sistêmica, através da síntese de casos cruzados (Yin, 2005). A técnica de síntese de casos cruzados permitiu que os dados individuais dos dois casos analisados pudessem ser comparados, dentro de uma mesma estrutura embora em contextos diferentes. Dessa forma, foi possível observar aspectos comuns e divergentes sobre o uso de álcool na adolescência, por filhos de dependentes químicos em abstinência.

Resultados

Caso A

Leonardo é um adolescente de 18 anos, do sexo masculino que reside com a mãe, de 41 anos que tem ensino superior completo, e a irmã, com 19 anos, que faz faculdade e, segundo ele, tem depressão e faz tratamento. O adolescente está no segundo semestre da faculdade, na área da saúde, e trabalha como recepcionista. Seus pais se separaram há mais ou menos dois anos. O pai tem 56 anos e ensino superior incompleto. A mãe está abstinentemente há 25 anos (álcool, tabaco e maconha) e o pai há 26 anos (álcool, tabaco, maconha e cocaína), portanto Leonardo não conviveu com os pais durante a fase de uso destes.

Marcamos entrevista por três vezes, pois nas duas primeiras Leonardo não acordou há tempo de chegar no horário que marcamos. Filho e neto de dependentes químicos, também tem tios e primos com a doença. A irmã de Leonardo faz uso de álcool e maconha. Credita que seu pai tenha iniciado o uso aos 19 anos, mas antes disso já fumava cigarro. Segundo ele, o pai chegou a morar na rua e foi internado várias vezes. A mãe iniciou com maconha, mas não soube precisar a idade. Seus pais usaram drogas cada vez mais fortes. Eles se conheceram quando ingressaram no N.A.

Leonardo experimentou maconha aos 16 anos e desde então tem feito uso em festas e com amigos. “Não é uma coisa que tem me feito mal, nem internamente nem externamente, o cigarro sim faz mal mesmo, ..., mas a maconha foi opção minha”. Além disso, relata que faz uso de álcool desde os 15 anos, de duas a quatro vezes ao mês, consumindo, a cada vez que bebe, entre cinco e seis doses. O adolescente emite inicialmente informações sobre os prejuízos do uso de álcool, mas em seguida acaba por minimizá-los: “Eu acho que álcool é a pior droga de todas, o álcool e o tabaco, porque são as que mais matam no mundo. Lógico se tu tomar um litro de vodca inteiro em menos de um minuto, tu pode morrer, entendeu?” Segundo ele, os pais permitem o uso de álcool. “Eu já bebi na frente deles, em festas de família e eles foram bastante tranquilos”. Refere que, para ele, droga é tudo que vicia e usa como exemplo o açúcar: “Tem açúcar no arroz, no cafezinho depois do almoço, então por exemplo todo mundo tá usando droga hoje. É claro que existem usos abusivos de drogas, como por exemplo se tu usa o açúcar em grande quantidade tu vai morrer, teu sangue não vai aguentar. Então eu acho que assim, existem pessoas que nunca tiveram o contato com drogas ilícitas por exemplo, eu acho que vai muito da individualidade de cada um”.

Quanto ao que os pais falavam, diz que passou mais de dez anos ouvindo que mata, que não deve usar e, segundo ele, isso aumentou sua curiosidade. No entanto, acredita ter esperado o momento certo para usar. Devido à experiência de seus pais, esperou até sentir-se pronto. Também seguiu a orientação do pai que teria lhe dito que, se fosse usar, fizesse entre amigos, pois se algo acontecesse poderiam lhe socorrer. “Mas não aconteceu nada, foi muito bom, no caso a sensação foi boa”. Leonardo acredita que o uso de substâncias não faz mal a todos, que o fato de os pais terem lhe passado como sendo 100% ruim não é real, afinal de contas tudo tem dois lados: “Eu quero mostrar pra eles que não é um problema, que não me afeta.” No início do uso diz que: “90% da família me condenou, mas eles usam várias coisas que são drogas, porque tem as lícitas que podem ser ilícitas também”. “Agora tá mais tranquilo, principalmente porque eu passei na universidade, tô trabalhando, porque tem uma ideia maior de independência, o que pra mim não fazia diferença..., mas me inseriram no núcleo familiar”.

Leonardo diz que a vivência dos pais é uma e a dele será outra, “acredito que cada sistema nervoso é um sistema nervoso, então cada cérebro vai reagir de jeitos diferentes às drogas, então a experiência do meu pai foi uma, da minha mãe foi outra e eu acho que a minha vai ser outra”. Eu digo pra eles: “Faz mais de um ano que eu uso e não tenho vontade de usar drogas mais fortes, eu só continuo na mesma droga e isso é uma coisa que não aconteceu com vocês, vocês partiram para outras drogas e eu ainda não”. De acordo com o entrevistado: “o panorama que a gente tinha em casa é que as drogas eram sinônimo de morte, um sinônimo de perda total de vida. Eu acho que eu fiquei até menos medroso com relação a esse tema das drogas”.

O entrevistado disse que o pai ameaçou interná-lo se ele não parasse de usar, mas sabe que é só uma ameaça. Quanto à mãe: “sempre que a gente discute eu digo pra ela que tem duas coisas que ela não vai poder controlar, que é eu usando ou não, e nem a minha experiência com a droga ou não, tanto que a minha mãe fala pra mim: “eu tô confiando em ti, então acho que é muito mais uma questão de eu passar confiança pra ela que não tá me fazendo mal”.

Genograma

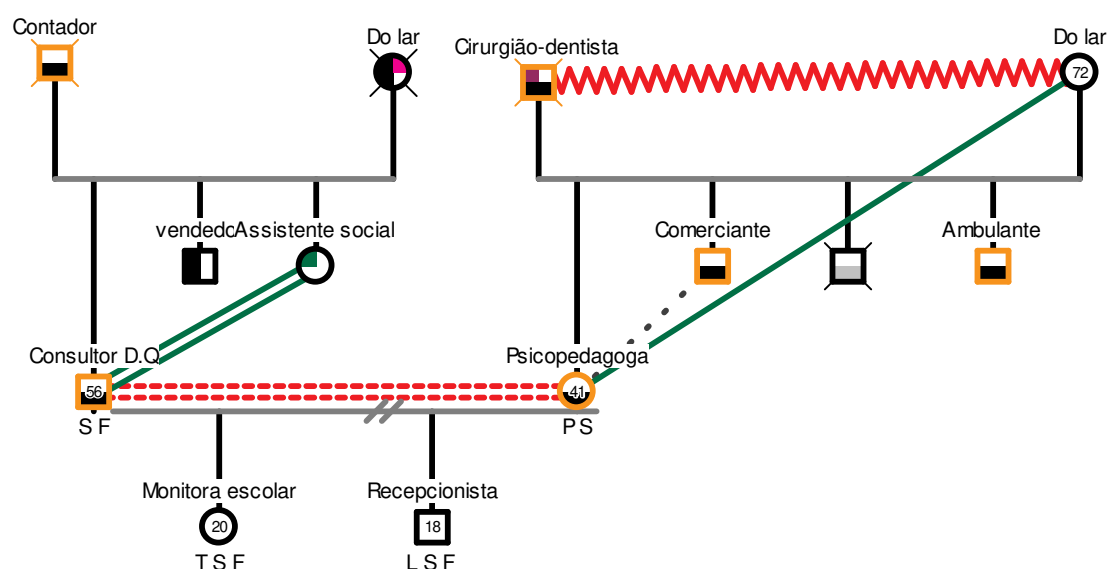


Figura 1. Genograma do Caso A.

Análise vertical Caso A

O adolescente entrevistado tem conhecimento sobre os prejuízos do consumo de substâncias, mas acaba minimizando as consequências sobre seu próprio uso. Embora saiba da história dos pais em relação às substâncias, não parece considerar conscientemente o aspecto da transmissão transgeracional, mas ressalta dizendo que os pais tiveram desejo por outras drogas e ele “ainda não”, ou seja, prevê a possibilidade de que isso aconteça. Acredita que cada um tem sua própria história sem que os estressores verticais tenham influência sobre o seu funcionamento, contrariando o

apontado pela literatura (McGoldrick & Shibusawa, 2016), “...então a experiência do meu pai foi uma, da minha mãe foi outra e eu acho que a minha vai ser outra”. Cada indivíduo é único, mas constituído pelos valores, crenças e legados de sua família, sendo imprescindível atentarmos para as questões intergeracionais (Andolfi, 2018).

Leonardo também apresenta uma característica de confrontação aos pais, mostrando que acredita que terá mais controle do que eles: “Eu quero mostrar pra eles que não é um problema, que não me afeta.” Essa postura possivelmente seja uma busca por individuação, típica da adolescência.

A crise da adolescência pressupõe o início do processo de diferenciação da família de origem, fazendo com que os filhos busquem a própria identidade e se esforcem para parecerem diferentes de seus pais (Nichols & Schwartz, 2007). Leonardo usou vários exemplos que remetem a esta tentativa de mostrar que não vai acontecer com ele o mesmo que aconteceu com seus pais, em relação a dependência química. No entanto, a dependência química é uma doença influenciada não só pelo meio, mas também por predisposição genética e herdabilidade (Payá, 2017). Além disso, os estudos concluem que a família de origem frequentemente faz uso de substâncias, identificando a transgeracionalidade do uso (Conzatti et al., 2016) e que estudantes que faziam uso de álcool tinham familiares que consumiam álcool em excesso (Pasuch & Oliveira, 2014).

Outro aspecto relevante nesse contexto é a comunicação entre Leonardo e os pais. Conforme relato do adolescente, o pai lhe disse que: “se fosse usar, fizesse entre amigos, pois se algo acontecesse poderiam lhe socorrer”. Em outros momentos, permitiu que ele bebesse em festas familiares e, em outros ainda, ameaçou interná-lo se ele continuasse usando. Este discurso ambivalente em nada se compara ao apontado pela Unicef (2011), que coloca a comunicação entre pais e filhos, nesta fase do

desenvolvimento, como uma oportunidade de diálogo aberto com constante participação dos filhos, proporcionando crescimento para todos e incentivando o não uso de substâncias pelos filhos. Além disso, percebe-se que Leonardo não vê credibilidade na fala do pai, quando refere que sabe que é só uma ameaça. Com a mãe, parece que a relação se dá baseada na confiança, ainda que as atitudes dele já possam ser consideradas de risco, o que parece estar sendo minimizado pela mãe.

Na análise do genograma, percebe-se que além dos pais, os avôs paterno e materno do adolescente eram dependentes químicos, bem como tios maternos, evidenciando a questão da transmissão transgeracional. Estes dados corroboram estudo realizado no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência (Capsia) do Rio Grande do Sul, que através da análise dos prontuários de 229 adolescentes usuários, concluiu que, dos 187 adolescentes do sexo masculino, 56,8% referiram convivência com familiares que também utilizavam substâncias (Bittencourt et al., 2015).

Verifica-se também que, o modelo de relações estabelecido entre os membros da família foi cercado por conflitos, determinando uma estrutura frágil e falta de fronteiras claras, deixando os subsistemas vulneráveis e permitindo o uso de substâncias de Leonardo (Minuchim, 1990). A expressão desses padrões repetitivos pode significar a necessidade de lealdade entre as gerações (Celestino & Bucher-Maluschke, 2015) e manutenção da homeostase. A disfuncionalidade do sistema familiar é vista, pela teoria sistêmica, através de um sintoma e pode ser expressa pelo uso de substâncias (Loyola et al., 2017).

Caso B

Gustavo é um adolescente de 16 anos, do sexo masculino, que está no ensino médio, mora com a mãe de 50 anos e a irmã de 13 anos que está no ensino fundamental, tem ainda um irmão de 23 anos que não mora no RS, não terminou o ensino médio e faz

uso de álcool e maconha. Os pais estão separados há três anos e seu pai tem 55 anos. A mãe tem ensino superior incompleto e o pai completo. Ambos estão abstinentes há 20 anos, sendo que Gustavo não conviveu com os pais na fase de uso destes, mas tem conhecimento das substâncias usadas pela mãe (álcool, tabaco e remédios para dormir sempre que se sentia triste) e também pelo pai (álcool, tabaco, maconha, cocaína, ecstasy e alucinógenos). Gustavo é filho e neto de dependentes químicos, o avô materno usava álcool e tabaco e a avó tabaco, o avô paterno também fazia uso de álcool e tabaco. Além disso, relatou casos de epilepsia e Alzheimer na família da mãe. Segundo o adolescente, ele não fez nenhuma experimentação de drogas e isso tem a ver com o fato dos seus pais terem tido muitos problemas com o uso de substâncias. “Isso me influenciou, eu não uso porque sei que eles usaram e como foi. A droga só fez eles irem pro fundo do poço, eles tinham muita coisa boa e de uma hora pra outra estavam no fundo do poço”.

Ele relatou que os pais sempre lhe disseram: “Tu tens muita chance de ficar viciado, muito, muito fácil, porque isso tá no meu DNA.” Já vim com essa coisa viciante, eu posso me viciar até em sorvete, bala, xarope, se começo a gostar muito de uma coisa tenho que ter cuidado. Eu posso ser viciado fácil e eu não quero chegar e: ‘Putz tô viciado’, eu não quero isso pra mim”. Sendo assim, disse que foi um aprendizado: “Foi o legado que eles me passaram “- Não! Não use, faz mal, tenha cuidado.” O adolescente entrevistado considera que o diálogo entre ele e os pais sempre foi muito tranquilo, “ eu não lembro do meu pai me colocando numa cadeira e dizendo que eles usaram drogas, que aconteceu isso e aquilo, foi uma coisa natural, parece que eles já tinham me explicado isso aos pouquinhos, que eu assimilei quando era bebê. Nasceu junto comigo, eu não lembro de uma época que eu não sabia que meus pais usaram drogas”. Durante a entrevista, o adolescente teve dúvida quanto ao uso de

ecstasy do pai e na mesma hora questionou: “eu posso ligar pra ele e perguntar?” Essa situação transcorreu com muita naturalidade: “pai eu tô aqui com a psicóloga e fiquei na dúvida se quando tu usou droga tu usou ecstasy”. Quanto à mãe, disse que tem boa comunicação, que conversam bastante. “A única regra, que nem é regra, é mente mesmo, é não usar droga. É a única coisa que ela enfatiza e ambos enfatizamos, na verdade”.

O entrevistado refere que os pais frequentaram o N. A. e que nenhum dos dois passou por internação. Gustavo diz que tem muito cuidado com a bebida, pois a juventude acredita que beber é normal, “todo mundo já fez isso ou quem não fez já pensou em fazer. Acho que eu sou muito cuidadoso nessa parte...eu vou nas festas e se tem alguma bebida, tá bom que fique ali, sabe. Eu não vou ir lá e beber”.

Genograma

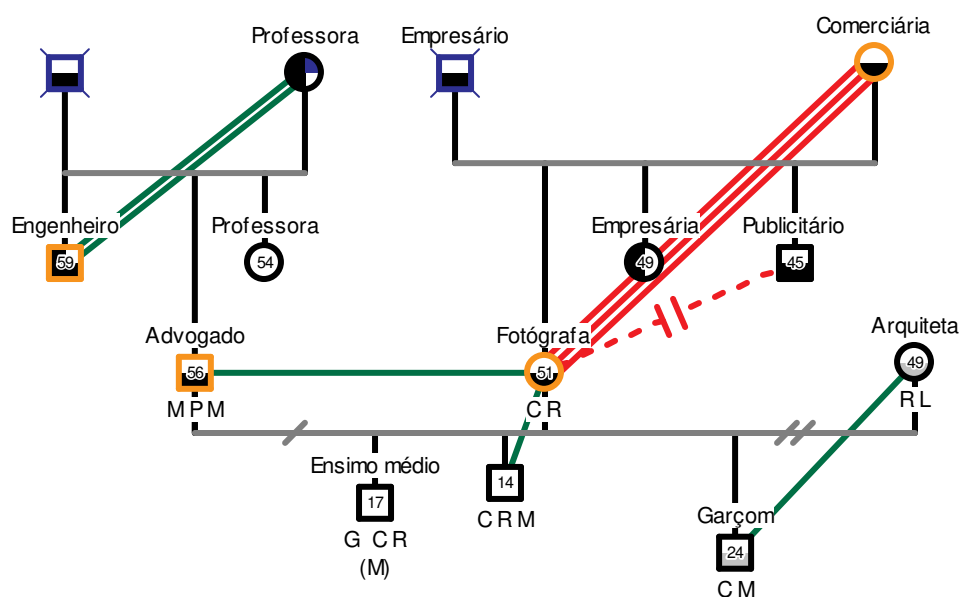


Figura. Genograma do Caso B.

Análise vertical Caso B

O adolescente entrevistado demonstrou ter conhecimento sobre drogas e as consequências que estas podem causar e, durante toda entrevista, fez referência aos pais quando falou sobre o tema. Destacou a importância que a família teve neste entendimento e o quanto serviu de modelo para a construção de suas crenças a respeito do uso de substâncias. Desta forma, evidencia a ideia de que, a família tem importante papel no desenvolvimento do indivíduo, através da convivência e das construções de aprendizagem construirá o futuro deste (Razera et al., 2014), sendo o lugar ideal desde de que sadia (Ramires & Falcke, 2018). Nesse sentido, a família se apresentou como um fator de proteção para o uso de substâncias (Payá, 2017; Shimoguiri & Serralvo, 2017), alertando claramente sobre o uso de substâncias.

Segundo a literatura estudada, percebe-se que a estrutura da família é determinada pela forma de relação que estabelece entre seus membros (Minuchin, 1990), sendo que um dos aspectos relevantes para o não uso de álcool por este adolescente pode ser atribuído à boa comunicação e relação com os pais. Apesar destes serem separados, mantiveram a parentalidade, diminuindo o risco de abuso de substâncias (Walsh, 2016; Payá, 2017). De acordo com o que o adolescente relatou e também com o observado, durante a entrevista quando ele ligou para o pai, pode-se perceber que ele tem bastante liberdade na comunicação e proximidade com os pais. Ao estimular o exercício da autonomia e o diálogo, necessidade dessa fase do desenvolvimento, as famílias podem se relacionar de uma forma mais aberta, comunicativa e construtiva com seus filhos, com crescente participação dos adolescentes nas resoluções familiares, colaborando para uma construção mais funcional de todo o sistema (Unicef, 2011, p.14). Na adolescência fica claro que as necessidades são diferentes das da infância e os pais precisam perceber e se readaptar (Walsh, 2016).

Ao permitir que o filho tenha contato com a história da família, conheça suas heranças genéticas e vulnerabilidades, é possibilitada a oportunidade de saber que a família interfere nele assim como ele passa a interferir na família, criando uma nova possibilidade e permitindo uma nova escrita desta história (Andolfi, 2018). Gustavo conhece a história não só de seus pais como também de seus avós e parentes mais próximos e acredita que a sua própria história pode ser diferente se mantiver cuidado quanto ao uso de substâncias, observando que ele tem um risco aumentado pelas heranças familiares. Considera o álcool muito perigoso, já que entre adolescentes beber parece ser regra e chega, em determinado momento, demonstrar uma postura assustada e rígida, temendo se viciar em qualquer coisa que goste, passando a evitar tudo o que ele começa a ter muita vontade, evidenciando um comportamento super- funcional (Payá, 2017).

Pelo genograma, percebe-se que Gustavo tem um irmão, por parte de pai, mais velho com 24 anos, que faz uso de álcool e maconha e um mais novo de 14 anos que não fez experimentação e, portanto, nenhum uso de substâncias. O irmão mais velho teve convivência com o pai durante o período de uso do mesmo, fator que pode ter sido relevante para o consumo de substâncias, uma vez que a repetição de padrões transgeracionais indicam conexão entre gerações de uma mesma família (Celestino & Bucher-Maluschke, 2015). Através do genograma, confirmamos a importância do pertencimento a um sistema familiar como uma etapa vital, identificando o adulto atual como fruto das vivências e aprendizados da infância (Razera et al., 2014), desse modo, o modelo assumido pelo pai perante os filhos em fases distintas de uso, revela-se como fator de risco para o filho mais velho, e de abstinência como fator de proteção para os dois filhos mais novos.

Análise horizontal dos casos

A família imprime e é impressa pelas marcas de cada membro da família ao mesmo tempo que permite que cada um seja autor de sua história, sem negar as crenças, legados e valores que a constituem (Andolfi, 2018). Os dois casos relatados apresentam experiências familiares semelhantes quanto à história dos progenitores em relação ao uso de substâncias, porém percepções diferentes quanto aos riscos que podem advir e condutas diferentes em relação ao uso de substâncias. Este estudo ilustra que mais do que conhecer as experiências da família de origem, outras características familiares como a comunicação e o processo de se individuar que se estabelecem na fase da adolescência, etapa crítica do desenvolvimento, poderão constituir-se em fatores de risco ou proteção para o uso de álcool (Payá, 2017). Um diálogo aberto que permita a construção da identidade e autonomia do adolescente, entendendo a adolescência como um período de crise que pressupõe a necessidade de diferenciação da família de origem é determinante para ser saudável (Falcke e Wagner, 2014).

Quando isto não acontece (por exemplo, por mensagens contraditórias, postura inconsistente dos pais e excesso de autonomia e confiança no adolescente, mesmo quando ele apresenta condutas de risco) acabam repetindo-se os padrões transgeracionais, como pode ser percebido no caso de Leonardo, que já faz uso de álcool e maconha, mas como ingressou na faculdade e trabalha esta aparente funcionalidade encobre uma pseudoindividuação e mantêm as lealdades invisíveis (Celestino & Bucher-Maluschke, 2015). O entrevistado mantém o padrão de abuso da família, embora desafie fazer completamente diferente, como se fosse imune às suas heranças. De acordo com Payá (2017), esta possibilidade de perpetuação mantém a homeostase da família ameaçando o sistema. Leonardo diz que: “a vivência dos pais é uma e a dele será outra” e que o fato de a dependência química dos pais ter sido tratada como questão de vida ou morte o tornou mais destemido em relação ao uso, “as drogas

eram sinônimo de morte, um sinônimo de perda total de vida”, “ passei mais de dez anos ouvindo que mata, que não deve usar” e, segundo ele, isso aumentou sua curiosidade. Arrisca-se nesse terreno instável e tem alguma noção da possível repetição da história dos pais, quando refere que “ainda não” se interessou por outras drogas mais pesadas

O outro adolescente, Gustavo, encontrou na experiência dos pais subsídios para não fazer uso de nenhum tipo de substância, porém, diferente de Leonardo, referiu que este foi um processo natural “nasceu junto comigo, eu não lembro de uma época que eu não sabia que meus pais usaram drogas”. Identifica-se que a vivência dos pais cumpriu a função de instigá-lo a um comportamento super- funcional, mas também rígido (Payá, 2017), considerando seu temor excessivo por qualquer possibilidade de vício .“Já vim com essa coisa viciante, eu posso me viciar até em sorvete, bala, xarope, se começo a gostar muito de uma coisa tenho que ter cuidado”, “ porque isso tá no meu DNA”.

Considerações Finais

O objetivo do estudo foi verificar como a história de pais dependentes químicos em abstinência, pode ser aliada ou não para o uso de álcool dos filhos adolescentes. Nesse sentido, foi realizado um estudo de casos contrastantes, identificando a experiência dos filhos com o álcool e o conhecimento que tinham da vivência de seus pais em relação ao uso de substâncias.

Este estudo torna evidente que as questões que permeiam o início do uso de álcool, na adolescência, incluem fatores relativos à transgeracionalidade, herdabilidade e estão diretamente relacionados à forma como o sistema familiar lida com questões inerentes a esta fase do ciclo de vida, sendo um desafio para o adolescente e para a família. A necessidade de se adaptar a este novo momento exige que os pais da infância

se readéquem, ampliando a autonomia e a participação do adolescente nas decisões que envolvem a família.

Percebe-se que, embora ambos os casos tenham pais dependentes químicos em abstinência, a relação e a comunicação estabelecida entre eles pode ter sido fator determinante para que tenham crenças diferentes quanto ao risco do uso, confirmando que a dependência química é uma doença de múltiplas causas e, portanto, precisa de um olhar atento e exige flexibilidade e readequação de todo o sistema familiar, mesmo quando os filhos não acompanharam o uso dos pais, já nascendo com os pais em abstinência. Na perspectiva sistêmica, evidencia-se que todos os membros sofrem e provocam interferências nos demais membros da família, podendo contribuir para o uso ou abstinência de substâncias, o que pode ser verificado neste estudo, assim como o fato de que as heranças familiares são fenômenos invisíveis que impactam a trajetória dos sujeitos de diferentes maneiras.

Referências

- Andolfi, M. (2018). *A terapia familiar multigeracional: Instrumentos e recursos do terapeuta*. Belo Horizonte, MG: Ed.Artesã.
- Bittencourt, A. L. P., França, L. G., & Goldim, J. R. (2015). Adolescência vulnerável: fatores biopsicossociais relacionados ao uso de drogas. *Revista Bioética*, 23(2), 311-319. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-80422015232070>
- Boszormenyi- Nagy, I. (1984). *Invisible loyalties*. Levittown, EU: Taylor & Francis Group.
- Bowen, M. (1989). *La terapia familiar em lá prática clínica*. Bilbao, ES: Desclee De Browuer.
- Brasil. (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm
- Celestino, V. R., & Bucher-Maluschke, J. S. (2015). Um Novo olhar para a abordagem sistêmica na psicologia. *FACEF Pesquisa-Desenvolvimento e Gestão*, 18(3), 318-329. Recuperado de <http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/facefpesquisa/article/view/1109/865>
- Conzatti, F., Rodrigues, V. S., da Silva, D. C., de Ávila, A. C., & Oliveira, M. S. (2016). Percepções de usuários de cocaína/crack sobre sua rede de apoio. *Aletheia*, (49), 48-59. Recuperado de <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/3597/2657>
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Diehl, A., & Figlie, N. B. (2014). *Prevenção ao Uso de Álcool e Drogas: O Que Cada um de Nós Pode e Deve Fazer?* Porto Alegre, RS: Artmed.
- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição e conceitos. In: A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Fundo das Nações Unidas (UNICEF). (2011). Situação da Adolescência Brasileira. Recuperado de <http://www.unicef.org/org/brasil>
- Loyola, D. R., Nascimento, D. L., Lino, L. B. R. & Ribeiro, K. C. R. *A importância da família no tratamento da dependência química*. Retrieved from <http://blogdapsicologia.com.br/unimar/2017/08/a-importancia-da-familia-no-tratamento-da-dependencia-quimica>.

- McGoldrick, M. (2011). *Becoming a couple*. In Goldrick, M. M., Carter, B. & Garcia-Preto, N. (Eds.) *The explained family life cycle: Individual, Family and social perspectives* (pp. 193-210). Boston, EU: Pearson.
- McGoldrick, M., & Shibusawa, T. (2016). O ciclo vital familiar. In: F. Walsh. *Processos normativos da família: diversidade e complexidade* (4a ed., pp. 375-398). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Minuchin, S. & Fishman, H. C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: conceitos e métodos* (7ª ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Pasuch, C., & Oliveira, M. S. (2014). Levantamento sobre o uso de drogas por estudantes do ensino médio: Uma revisão sistemática/Survey on drug use among high school students: A systematic review. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 22(1SE), 171-183. doi: <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/cto.2014.043>
- Payá, R. (2017). *Intervenções Familiares para Abuso e Dependência de Álcool e outras Drogas*. Rio de Janeiro, RJ: Roca.
- Paz, F. M., & Colossi, P. M. (2013). Aspectos da dinâmica da família com dependência química. *Estudos de Psicologia*, 18(4), 551-558. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/261/26130639002.pdf>
- Penso, M. A., Costa, L. F., & Ribeiro, M. A. (2008). Aspectos teóricos da transmissão transgeracional e do genograma. In: M.A. Penso & L. F. Costa (Orgs.). *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção* (pp. 9-23). São Paulo, SP: Summus.
- Ramires, V. R. R., & Falcke, D. (2018). Fatores de risco e proteção para vínculos familiares no sul do Brasil. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, 20(1), 1516-3687. doi: <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v20n1p126-140>
- Razera, J., Cenci, C. M. B., & Falcke, D. (2014). Violência doméstica e transgeracionalidade: um estudo de caso. *Revista de Psicologia da IMED*, 6(1), 47-51. Recuperado de https://www.researchgate.net/profile/Denise_Falcke/publication/284345309_Violencia_Domestica_e_Transgeracionalidade_Um_Estudo_de_Caso/links/578799d608aedc252a935ed4/Violencia-Domestica-e-Transgeracionalidade-Um-Estudo-de-Caso.pdf

- Shimoguri, A. F. D. T., & Serralvo, F. S. (2017). A importância da abordagem familiar na atenção psicossocial: um relato de experiência. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(57), 69-84.
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. 2ª ed. Porto Alegre, RS: Bookman.
- Walsh, F. *Processos normativos da família: diversidade e complexidade*. 4ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed.

Considerações Finais

Constata-se que os adolescentes iniciam a beber cada vez mais cedo (OMS/Sociedade Brasileira de Pediatria, 2017) e que o aumento do consumo que leva a dependência química (National Institute on Drug Abuse, 2009) é uma preocupação de saúde pública (Andretta & Oliveira, 2011). Neste contexto, a família desempenha importante papel tanto para o surgimento e manutenção do uso de álcool pelos filhos adolescentes (Paz & Colossi, 2013), quanto para mantê-los afastados deste uso. Embora existam muitos estudos sobre o uso de álcool por filhos de dependentes químicos, pouco se sabe sobre a relação dos adolescentes com o álcool quando os pais, dependentes químicos, estão abstinentes. Assim, é de extrema importância que pesquisadores se dediquem ao tema para colaborar na prevenção desta doença. Deste modo, o objetivo da pesquisa foi avaliar a percepção dos adolescentes sobre o padrão de consumo de álcool dos pais e a repercussão para a vida deles e compreender a relação dos adolescentes com o álcool, quanto as questões de exposição, experimentação, uso e/ou abuso, demandas familiares e sociais, em famílias com pelo um dos pais dependentes químicos em abstinência.

Os resultados deste estudo evidenciam que os adolescentes reconhecem os riscos em relação a serem filhos de dependentes químicos, mas mostram-se ambivalentes quanto á experimentação e uso de álcool devido as características da própria adolescência, incluindo necessidade de autonomia e aceitação pelo grupo de pares. Embora a transgeracionalidade esteja presente, a readaptação adequada da família à fase da adolescência, a boa comunicação entre pais e filhos e ampliação da autonomia são fatores determinantes para o não uso de álcool na adolescência. Os resultados encontrados têm a intenção de alertar para o investimento das famílias em relação as necessidades dos filhos adolescentes e da prevenção do uso de álcool destes.

Por fim, considera-se que sejam desenvolvidos outros estudos que possam confirmar os dados encontrados. Algumas limitações para elaboração desta pesquisa incluem o restrito número de participantes e a escassez de literatura sobre o tema.

Referências

- Alati, R., Baker, P., Betts, K. S., Connor, J. P., Little, K., Sanson, A., & Olsson, C. A. (2014). The role of parental alcohol use, parental discipline and antisocial behaviour on adolescent drinking trajectories. *Drug and alcohol dependence, 134*, 178-184. doi: <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2013.09.030>.
- Alvarez, A. A. (2013). Fatores que favorecem a abstinência no alcoolismo. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health, 5*(12), 60-80. <http://stat.elogo.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/1951/3187>
- Andolfi, M. (2018). *A terapia familiar multigeracional: Instrumentos e recursos do terapeuta*. Belo Horizonte, MG: Ed.Artesã.
- Andretta, I., & Oliveira, M.S. (2011). A entrevista motivacional em adolescentes usuários de droga que cometeram ato infracional. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 24* (2) (pp. 218-226). doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722011000200002>
- Baptista, M. N., Cardoso, H. F., & Gomes, J. O. (2012). Intergeracionalidade familiar. In M. N. Baptista & M. L. M. Teodoro (Orgs.), *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção* (pp. 16-26). São Paulo, SP: Artmed.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (4a ed.). Lisboa, PT: Edições 70.
- Baumgarten, L. Z., Gomes, V. L. D. O., & Fonseca, A. D. D. (2012). Consumo alcoólico entre universitários (as) da área da saúde da Universidade Federal do Rio Grande/RS: subsídios para enfermagem.
- Bittencourt, A. L. P., França, L. G., & Goldim, J. R. (2015). Adolescência vulnerável: fatores biopsicossociais relacionados ao uso de drogas. *Revista Bioética, 23*(2), 311-319. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-80422015232070>
- Boszormenyi- Nagy, I. (1984). *Invisible loyalties*. Levittown, EU: Taylor & Francis Group.

- Bowen, M. (1989). *La terapia familiar em lá práctica clínica*. Bilbao, ES: Desclee de Brower.
- Brasil. (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm
- Campos, C.J.G. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5), 611-4. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5>.
- Cardoso, L.R.D., & Malbergier, A. (2014). Habilidades sociais e uso de drogas em adolescentes. *Pediatria Moderna*, 50(12), 570-575. Retirado de http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=5997
- Carter, B.; McGoldrick, M. (2011). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Cols.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a. ed, pp. 7-29) (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Celestino, V. R., & Bucher-Maluschke, J. S. (2015). Um Novo olhar para a abordagem sistêmica na psicologia. *FACEF Pesquisa-Desenvolvimento e Gestão*, 18(3), 318-329. Recuperado de <http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/facefpesquisa/article/view/1109/865>
- Coelho, L.R.M., & Oliveira, M.S. (2014). Avaliação dos comportamentos dependentes. *Aletheia*, 43/44, 248-251. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115039411019.pdf>.
- Conzatti, F., Rodrigues, V. S., da Silva, D. C., de Ávila, A. C., & Oliveira, M. S. (2016). Percepções de usuários de cocaína/crack sobre sua rede de apoio. *Aletheia*, (49), 48-

59. Recuperado de

<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/3597/2657>

Cortés, J.M. G., Méndez, M. G., & Aragón, S. R. (2015). Potencial resiliente en familias com adolescentes que consumen y no consumen alcohol. *Acta Colombiana de Psicología*, 18(2), 163-172. doi: <http://www.dx.doi.org/10.14718/ACP.2015.18.2.14>.

Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto*.

Porto Alegre, RS: Artmed.

Diehl, A., & Figlie, N. B. (2014). *Prevenção ao Uso de Álcool e Drogas: O Que Cada um de Nós Pode e Deve Fazer?* Porto Alegre, RS: Artmed.

Diehl, A., & Figlie, N.B. (2014). *Prevenção ao uso de álcool e drogas: o que cada um de nós pode e deve fazer? Um guia para pais, professores e profissionais que buscam um desenvolvimento saudável para crianças e adolescentes*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Diehl, A., Cordeiro, D. C., & Laranjeira, R. (2011). Álcool. Diehl A, Cordeiro DC, Laranjeira R, organizadores. *Dependência Química: prevenção, tratamento e políticas públicas*. Porto Alegre: Artmed, 129-144.

Donaldson, C. D., Handren, L. M., & Crano, W. D. (2016). The enduring impact of parent's monitoring, warmth, expectancies, and alcohol use on their children's future binge drinking and arrests: a longitudinal analysis. *Prevention Science*, 17(5), 606-614.

Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição e conceitos. In: A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Falcke, D., & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição e conceitos. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.

- Favaro, F., & de Paula, S. R. (2012). Dependentes químicos: o perfil da abstinência de drogas. *J. Health Sci Inst*, 30(1), 41-43. Recuperado de https://www.unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2012/01_jan-mar/V30_n1_2011_p41-43.pdf.
- Fernandes, S., Dolejal, B.A., Silva, D.C., Ferigolo, M., & Barros, H.M.T. (2015). Os benefícios obtidos com a parada do uso de drogas por usuários de um serviço de teleatendimento. *Aletheia*, 46, 66-73. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115048330006>
- Fundo das Nações Unidas (UNICEF). (2011). Situação da Adolescência Brasileira. Recuperado de <http://www.unicef.org/org/brasil>
- Gil, A.C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, SP: Atlas.
- Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Bueno, R. K., & Crepaldi, M. A. (2014). As Origens do Pensamento Sistêmico: Das Partes para o Todo. *Pensando Famílias*, 18(2), 183-316. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a02.pdf>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016). *55,5% dos estudantes já consumiram bebida alcoólica e 9,0% experimentaram drogas ilícitas*. Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-denoticias/releases/9501-pense-2015-55-5-dos-estudantes-ja-consumiram-bebida-alcoolica-e-9-0-experimentaram-drogas-ilicitas>.
- Instituto Nacional de Políticas Públicas de Álcool e Drogas. II Levantamento nacional de álcool e drogas. *São Paulo: Instituto Nacional de Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas*. Retrieved from <http://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>

- Krestan, J., & Bepko, C. M. S. W. (1995). Problemas de alcoolismo e o ciclo de vida familiar. In B. Carter & M. Mc Goldrick (Orgs.). *As mudanças no ciclo da vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 415-439). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- LaBrie, J. W., Boyle, S. C., & Napper, L. E. (2015). Alcohol abstinence or harm-reduction? Parental messages for college-bound light drinkers. *Addictive behaviors*, 46, 10-13. doi: <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2015.02.019>.
- Laranjeira, R., Pinsky, I., Zaleski, M. & Caetano, R. (2007). *II Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira*. Retrieved from <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/93283>.
- Lins, M.R.S.W., & Scarparo, H.B.K. (2010). Drogadição na Contemporaneidade: pessoas, famílias e serviços tecendo redes de complexidade. *Psicologia Argumento*, 28 (62), 261-271. Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20007/19295>.
- Loyola, D. R., Nascimento, D. L., Lino, L. B. R. & Ribeiro, K. C. R. *A importância da família no tratamento da dependência química*. Retrieved from <http://blogdapsicologia.com.br/unimar/2017/08/a-importancia-da-familia-no-tratamento-da-dependencia-quimica>.
- MacArthur, D. G., Balasubramanian, S., Frankish, A., Huang, N., Morris, J., Walter, K., ... & Albers, C. A. (2012). A systematic survey of loss-of-function variants in human protein-coding genes. *Science*, 335(6070), 823-828.
- Marques, M., Vivero, C., & Passadouro, R. (2013). Uma Velha Questão numa População Jovem: o Consumo do Álcool nos Adolescentes Escolarizados. *Acta Médica Portuguesa*, 26(2).

- McGoldrick, M. (2011). *Becoming a couple*. In Goldrick, M. M., Carter, B. & Garcia-Preto, N. (Eds.) *The explained family life cycle: Individual, Family and social perspectives* (pp. 193-210). Boston, EU: Pearson.
- McGoldrick, M., & Shibusawa, T. (2016). O ciclo vital familiar. In: F. Walsh. *Processos normativos da família: diversidade e complexidade* (4a ed., pp. 375-398). Porto Alegre, RS: Artmed.
- McLaughlin, A., Campbell, A., & McColgan, M. (2016). Adolescent Substance Use in the Context of the Family: A Qualitative Study of Young People's Views on Parent-Child Attachments, Parenting Style and Parental Substance Use. *Substance use & Misuse*, 51(14), 1846-1855. doi: <https://doi.org/10.1080/10826084.2016.1197941>.
- McLaughlin, A., Campbell, A., & McColgan, M. (2016). Adolescent substance use in the context of the family: A qualitative study of young people's views on parent-child attachments, parenting style and parental substance use. *Substance use & misuse*, 51(14), 1846-1855.
- Minuchin, S. & Fishman, H. C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento & tratamento* (J.A. Cunha, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Moretti-Pires, R. O., & Corradi-Webster, C. M. (2011). Adaptação e validação do Alcohol Use Disorder Identification Test (AUDIT) para população ribeirinha do interior da Amazônia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 27(3), 497-509. Recuperado de <https://www.scielosp.org/pdf/csp/2011.v27n3/497-509/pt>.
- Mrug, S., & McCay, R. (2013). Parental and peer disapproval of alcohol use and its relationship to adolescent drinking: Age, gender, and racial differences. *Psychology of addictive behaviors*, 27(3), 604-614. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/a0031064>

- National Institute on Drug Abuse (2009). Supported Research on Drug Abuse and Addiction in Racial/Ethnic Minority Populations: A Resource Guide. Retrieved from <https://www.drugabuse.gov/about-nida/organization/health->
- Natividade, J.C., Aguirre, R.C., Bizarro, L., e Hutz, C.S. (2012). Fatores de personalidade como preditores do consumo de álcool por estudantes universitários. *Cadernos de Saúde Pública*, 28(6), 1091-1100. Recuperado de <https://www.scielo.org/pdf/csp/2012.v28n6/1091-1100/pt>
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: conceitos e métodos* (7ª ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Organização Mundial da Saúde. (2017). *World Health Statistics 2017*. Recuperado de <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/255336/1/9789241565486-eng.pdf?ua=1>
- Park, J.S., & Kim, T.H. (2009). Do types of organizational culture matter in nurse job satisfaction and turnover intention? *Leadership in Health Services*, 22(1), 20-38. doi: <https://doi.org/10.1108/17511870910928001>
- Pasuch, C., & Oliveira, M. S. (2014). Levantamento sobre o uso de drogas por estudantes do ensino médio: Uma revisão sistemática/Survey on drug use among high school students: A systematic review. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 22(1SE), 171-183. doi: <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/cto.2014.043>
- Payá, R. (2010). A dependência química na visão sistêmica. In R. Payá, *Intercâmbio das psicoterapias: abordagens e transtornos* (pp. 513-522). São Paulo, SP: Roca.
- Payá, R. (2017). *Intervenções Familiares para Abuso e Dependência de Álcool e outras Drogas*. Rio de Janeiro, RJ: Roca.
- Paz, F. M., & Colossi, P. M. (2013). Aspectos da dinâmica da família com dependência química. *Estudos de Psicologia*, 18(4), 551-558. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/261/26130639002.pdf>

- Paz, F. P., & Colossi, P. M. (2013). Aspectos da dinâmica da família com dependência química. *Estudos de Psicologia*, 18(4).
- Penso, M. A., & Costa, L. F. (2008). *A Transmissão geracional em diferentes contextos; da pesquisa e intervenção*. São Paulo, SP: Summus.
- Penso, M. A., Costa, L. F., & Ribeiro, M. A. (2008). Aspectos teóricos da transmissão transgeracional e do genograma. In: M.A. Penso & L. F. Costa (Orgs.). *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção* (pp. 9-23). São Paulo, SP: Summus.
- Pereira, M. O., Silva, S. S., Oliveira, M. A. F., Vargas, D., Colvero, L. A., & Leal, B. M. M. L. (2011). A percepção dos adolescentes acerca do álcool e outras drogas no contexto familiar. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool E Drogas*, 7(3), 148-154. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v7i3p148-154>.
- Prata, E.M.M., & Santos, M.A. (2009). Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico. *Estudos de Psicologia*, 11(3), 315-322. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v11n3/09.pdf>
- Ramires, V. R. R., & Falcke, D. (2018). Fatores de risco e proteção para vínculos familiares no sul do Brasil. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, 20(1), 1516-3687. doi: <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v20n1p126-140>
- Razera, J., Cenci, C. M. B., & Falcke, D. (2014). Violência doméstica e transgeracionalidade: um estudo de caso. *Revista de Psicologia da IMED*, 6(1), 47-51. Recuperado de https://www.researchgate.net/profile/Denise_Falcke/publication/284345309_Violencia_Domestica_e_Transgeracionalidade_Um_Estudo_de_Caso/links/578799d608aedc252a935ed4/Violencia-Domestica-e-Transgeracionalidade-Um-Estudo-de-Caso.pdf

- Schenker, M., & Minayo, M.C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717. Recuperado de <https://www.scielosp.org/pdf/csc/2005.v10n3/707-717/pt>.
- Shimoguri, A. F. D. T., & Serralvo, F. S. (2017). A importância da abordagem familiar na atenção psicossocial: um relato de experiência. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(57), 69-84.
- Sociedade Brasileira de Pediatria (2017)
<https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sociedade-de-pediatria-lanca-guia-para-estimular-a-prevencao-ao-consumo-de-alcool-precoce-entre-os-adolescentes/>
- Toscano Júnior, A. Um breve histórico sobre o uso de drogas. In: Seibel, S.; Toscano Júnior, A. De-pendência de drogas .7-23p. São Paulo: Atheneu, 2001.
- Vasters, G.P., & Pillon, S.C. (2011). O uso de drogas por adolescentes e suas percepções sobre adesão e abandono de tratamento especializado. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 19(2). Recuperado de <https://www.redalyc.org/html/2814/281421955013/>.
- Walsh, F. *Processos normativos da família: diversidade e complexidade*. 4ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed
- Wandekoken, K. D., Vicente, C. R., & de Siqueira, M. M. (2011). Alcoolismo parental e fatores de risco associados. *SMAD-Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 7(3), 161-167.
- World Health Organization. (2014). *World Health Statistics*. Retrieved from http://apps.who.int/bitstream/10665/112738/1/9789240692671_eng.pdf<https://www.researchgate.net/publication/279194544> As Origens do Pensamento Sitemico das Parte s para o Todo The Origins of the Systemic Thinking From the parts to the Whole

Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. 2ª ed. Porto Alegre, RS:

Bookman.

Zappe, J. G., & Dapper, F. (2017). Drogadição na Adolescência: Família como Fator de

Risco ou Proteção. *Revista de Psicologia da IMED*, 9(1), 140-158.

Apêndice A – Ficha de Dados Sociodemográficos

1) Número de identificação:

2) Sexo: Masculino () Feminino: ()

3) Idade:

4) Estado civil:

5) Escolaridade:

6) Ocupação profissional:

7)

Religião: _____

8) Configuração familiar:

Parentesco	Idade	Estado civil	Escolaridade	Ocupação profissional	Religião
Pai					
Mãe					
Irmão 1					
Irmão 2					

Irmão 3					

8) Reside com quem:

9) Qual a sua principal fonte de sustento?

Trabalho próprio

Auxílios (indenização, mesada, pensão, bolsa família, etc.)

Pais

Outros familiares

Bens (aluguéis, herança, etc.)

Outros – Especificar: _____

10) Há algum caso de doença clínica ou psiquiátrica na família?

Sim Não

Se sim, quem? _____

Qual doença? _____

9- Outros – Especificar:

11) Há uso ou suspeita de uso de álcool ou outras drogas na família ou no círculo de amigos?

() Sim () Não

Se sim, quem e quais? _____

Parentesco \ Droga	Álcool	Tabaco	benzo	Zepínicos	Solventes	Maconha	Anfetaminas	Cocaína	Crack	Opióides	Ecstasy	Alucinógenos	Outros
Eu													
Mãe													
Pai													
Irmã (o)													
Madrasta													
Padrasto													
Parceiro (a)													
Filho (a)													
Avô (ó)													
Amigos													
Outros (Especificar)													

11) Foram utilizados recursos para solucionar problemas em relação às drogas?

() Sim () Não

Se sim, qual?

() Algum tipo de tratamento: _____

() Tentativas de conversa

() Auxílio religioso/espiritual

Apêndice B – Dilemas de Entrevista

Uma família é composta pelo pai, pela mãe e por dois irmãos, um com 13 e outro com 18 anos. Tiveram duas festas de aniversário, uma para cada filho. Como você imagina que foi a festa do filho de 13 anos? E do de 18 anos?A

Pedro tem 13 anos e está saindo pela primeira vez a noite com os amigos. Eles chegam em uma festa e um dos convidados entrega para ele um copo com bebida logo que ele entra no local. O que ele faria?

Joana foi para uma festa com as amigas e bebeu muito a ponto de estar passando mal. No início ela ficou mais alegre, mas depois passou a vomitar e está se sentindo muito mal. Como suas amigas devem agir? Seria diferente se a pessoa que bebeu fosse um menino? O que os pais dela fariam quando ficassem sabendo o que aconteceu?

O pai de Maria, no passado, teve sérios problemas com drogas, mas, depois de muito sofrer com isso, fez um tratamento e não utiliza mais nenhuma substância. Ele fica muito preocupado quando Maria sai à noite pensando que ela possa também se envolver com drogas. Como ele deve agir com ela? O que Maria pensa sobre o uso de álcool e drogas?

Apêndice C – Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Na sua opinião, o que é droga?

Quais os tipos de droga que você conhece ou ouviu falar?

Se não for mencionado no item anterior, perguntar: álcool e cigarro também são droga?

Você já teve oportunidade de usar algum tipo de droga? Poderia me contar uma experiência sua (caso usou) ou de algum amigo em relação a isso?

Quais são as consequências para quem usa? E para a família, tem consequências?

Quais?

Algumas pessoas nunca usaram drogas. O que acha que fez com que elas nunca tenham experimentado?

Você acha que a experiência dos pais em relação às drogas tem alguma influência sobre os filhos?

Como foi a experiência dos seus pais com drogas?

A opinião dos seus pais faz diferença para você usar ou não?

Você acha que a experiência dos seus pais com drogas influencia a forma como você lida com as drogas?

O que pensa sobre beber?

O que acha que seus pais pensam sobre você consumir álcool?

Apêndice D – AUDIT-C

O INSTRUMENTO

O AUDIT-C é composto por três perguntas com margem de 0 a 4 e, assim como o AUDIT, tem como função fazer uma investigação do padrão de uso de álcool.

FORMULÁRIO AUDIT-C

1. Com que frequência você toma bebidas alcoólicas?

- a) Nunca
- b) Mensalmente ou menos
- c) De 2 a 4 vezes por mês
- d) De 2 a 4 vezes por semana
- e) 4 ou mais vezes por semana

2. Nas ocasiões em que bebe, quantas doses você consome tipicamente ao beber?

- a) 1 ou 2
- b) 3 ou 4
- c) 5 ou 6
- d) 7, 8 ou 9
- e) 10 ou mais

3. Com que frequência você toma seis ou mais doses de uma vez?

- a) Nunca
- b) Menos do que uma vez ao mês
- c) Mensalmente
- d) Semanalmente
- e) Todos ou quase todos os dias

Quadro 3: Imagem com o questionário AUDIT-C completo. Fonte: World Health Organization (1992) adaptado por NUTE-UFSC (2016).

Apêndice E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Este é um convite para participar como voluntário da pesquisa- Adolescentes filhos de dependentes químicos em abstinência: Como se relacionam com o álcool?

O objetivo do projeto é avaliar a relação do (s) adolescente (s) com o álcool, em famílias nas quais pelo menos um dos pais é dependente químico em abstinência. Os instrumentos utilizados serão: questionário sociodemográfico, entrevista e aplicação de teste para uso de álcool. Seu nome e da sua família será mantido anônimo e preservado, embora os resultados derivados serão divulgados e publicados. Cabe ressaltar que o estudo não oferece danos ou prejuízo.

Você tem liberdade e o direito de optar pela não participação a qualquer momento, não tendo prejuízo algum por tal decisão. A autorização dependerá de sua assinatura ao presente Termo, emitido em duas vias, uma que será arquivada e outra de igual teor que ficará com você(s).

Nome do responsável: _____

Assinatura: _____

Nome do pesquisador: _____

Assinatura: _____

Porto Alegre, ____ de _____ de 201 ____

Apêndice F – Termo de Assentimento

O assentimento significa que você concorda em fazer parte de uma pesquisa. Serão respeitados seus direitos e você pode fazer perguntas para ter todas as informações que quiser, para sanar dúvidas.

Pesquisa é um estudo que pretende contribuir para o entendimento de um fenômeno (algo que ainda não temos total conhecimento, queremos saber). O objetivo desse estudo é verificar como os adolescentes se relacionam com o álcool, gostaria que você me ajudasse a entender o que os adolescentes pensam. Utilizaremos um questionário, uma entrevista com algumas situações relacionadas ao álcool gravado apenas o som, e um pequeno instrumento (um teste), com três questões. Para fazer isso teremos que nos encontrar duas vezes.

O sigilo e o anonimato de todo esse processo são garantidos, seu nome e da sua família jamais serão divulgados. Você terá garantido o direito de interromper, retirar-se da pesquisa ou não responder alguma pergunta, a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A sua participação é voluntária, se concordar podemos começar.

Porto Alegre, _____ de _____ de 20_____.

Nome do voluntário: _____.

Assinatura: _____.

Nome do pesquisador: _____.

Assinatura: _____.

Apêndice G – Autorização para entrega da versão final

Autorizo o/a aluno/a a
entregar a versão final da Dissertação sob o título de
.....

Saliento, ainda, que as correções sugeridas pela Banca foram atendidas. Também, segue anexo comprovante de submissão dos dois artigos, conforme indicado em Regimento Interno do Programa.

São Leopoldo, de de

Orientador/a: Prof./a. Dr./a.

Assinatura:

Aluno/a:

Assinatura: